

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH  
Departamento de Antropologia e Arqueologia - DAA

Clarice Linhales Abrahão de Amorim

**Cachimbos de caulim em terras geladas:** sobre foqueiros e baleeiros mediante seu fumar na  
Antártica

Belo Horizonte

2019

Clarice Linhales Abrahão de Amorim

**Cachimbos de caulim em terras geladas: sobre foqueiros e baleeiros mediante seu fumar na Antártica**

Trabalho monográfico de conclusão de curso apresentado ao curso de Antropologia com habilitação em Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito necessário à obtenção de título de Bacharel em Antropologia habilitada em Arqueologia.

Orientador: Andrés Zarankin

Coorientadora: Fernanda Codevilla Soares

Belo Horizonte  
2019



## ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 05 (cinco) dias do mês de julho de 2019 (dois mil e dezenove), às 09h00min, na sala F-2080, 2º andar da Fafich, reuniu-se a banca examinadora constituída pelo professor Andrés Zarankin (do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG) e pela Drª Sarah de Barros Viana Hissa (pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFMG), para examinar a Monografia de conclusão de curso em Antropologia da discente **Clarice Linhales Abrahão de Amorim**, nº de matrícula **2015055155**, sob o título: "*Cachimbos de caulim em terras geladas: sobre foqueiros e baleiros mediante seu fumar na Antártica.*"

Aberta a sessão pelo presidente da banca, Profº. Drº. Andrés Zarankin, a discente fez a apresentação da Monografia e foi arguida pelos membros da banca que deliberaram pelo seguinte resultado:

Aprovada:

Aprovada com revisão da forma e depósito da versão final em até, no máximo, 30 dias:

Reprovada:

Nota:

95

Conceito:

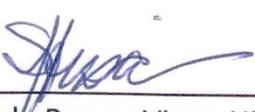
A

X

Para constar, foi lavrada a presente ata, datada e assinada pelos membros da banca:

Belo Horizonte, 05 de julho de 2019.

  
\_\_\_\_\_  
Profº. Drº. Andrés Zarankin  
Professor orientador

  
\_\_\_\_\_  
Drª. Sarah de Barros Viana Hissa  
Convidada avaliadora

## AGRADECIMENTOS

À toda equipe do Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas que me recebeu e acompanhou ao longo de toda minha graduação.

Ao Professor Andrés Zarankin, pela orientação deste trabalho e diversos outros que desenvolvi no decorrer de meu percurso, assim como pela oportunidade de ir à campo e enriquecer minhas percepções acerca da pesquisa antártica.

À Fernanda Codevilla Soares, por toda a dedicação, apoio e orientação nos últimos 4 anos. Tudo que pude aprender neste período não teria sido nem metade sem você.

À Marinha do Brasil, em especial àqueles que compuseram e fizeram acontecer a OPERANTAR XXXVI e XXXVII.

À meus companheiros de fumo em terras geladas, José Pellini, Will Pena, Fernanda Oliveira e Raquel Nolasco (que mesmo não fumando se fez presente nos fumódromos), que estão mais do que presentes neste trabalho e em minhas percepções em relação ao fumar na Antártica.

À meus amigos e amigas que mesmo com seus próprios TCCs e vidas corridas se fizeram presentes e me apoiaram no processo além de me ajudar a distrair quando necessário, em especial Lucas Alves, Flora Villas, Marina Morena, Júlia Vargas, Thais Emediato e Nathalia Malta.

Ao meu companheiro Ygor por toda paciência, carinho e ajuda durante todo o processo desta escrita e fim de graduação.

À minha mãe Meily, pelos momentos de carinho e puxão de orelha, pelo apoio na revisão do texto e em toda minha caminhada na graduação.

À meu pai Wemerson que mesmo de longe sempre me deu forças para seguir meus sonhos.

À minha irmã Sarah por todos os momentos de ajuda e escuta, assim como por sua companhia e companheirismo em toda a vida.

## RESUMO

Como parte do projeto Paisagens em Branco, desenvolvido no Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas – LEACH, da UFMG, este estudo busca compreender, a partir dos vestígios de cachimbos de caulim, alguns aspectos relativos aos grupos foqueiros e baleeiros que iam até a Antártica para a caça de mamíferos marinhos, durante o processo de expansão do capitalismo. Foram realizadas datações dos sítios analisados, além de discussões acerca da influência do fumar na vida destes marinheiros, quando acampados no extremo Sul. O estudo abordou as hierarquias e suas expressões, as escolhas dos marinheiros, os lugares em que estes viviam e seus corpos, em relação à prática do fumar e à sua materialidade. Para a composição da análise, foram selecionadas 17 peças de cachimbo, de 8 sítios arqueológicos antárticos. Também compuseram a pesquisa 3 diários de foqueiros e baleeiros, além de 2 livros de literatura, tratados como fontes para um melhor reconhecimento das práticas destes grupos. Constatou-se que estes sujeitos estiveram em terras antárticas na primeira metade do século XIX e que, enquanto estavam acampados e durante as viagens, o fumar fazia parte do “ser marinheiro”. As adaptações perceptíveis nas peças, feitas por seus usuários, representam e acentuam o pertencimento destes à classe trabalhadora de sua época, ao mesmo tempo em que a homogeneidade encontrada nas decorações não demonstra diferenciações entre cada um dos sujeitos do grupo. No que diz respeito aos lugares que o fumar ocupava na vida destes caçadores, foi possível entender que esta prática estava presente em diferentes momentos, locações e corpos. Pode-se afirmar que os corpos dos sujeitos e seus cachimbos estavam ligados e como tal, compunham suas percepções de mundo, de outros sujeitos e suas vivências. As marcas deixadas nos cachimbos, assim como os dados coletados nos diários e livros, quando trabalhados em conjunto, permitiram apreender mais sobre as experiências daqueles trabalhadores que, ainda, são pouco abordados na história do continente antártico.

Palavras chave: Arqueologia Antártica, Cachimbos de caulim, Fumar.

## **ABSTRACT**

As part of the Landscapes in White project, developed in the Laboratory of Antarctic Studies in Human Sciences - LEACH, UFMG, this study seeks to understand, from the vestiges of kaolin pipes, some aspects related to the whaling and sealing groups that went to Antarctica to hunt marine mammals, during the process of expansion of capitalism. The analysed sites were dated, as well as discussions about the influence of smoking on the lives of these sailors when encamped in the extreme South were made. The study approached the hierarchies and their expressions, the sailors' choices, the places where they lived and their bodies, in relation to the practice of smoking and its materiality. For the composition of the analysis, 17 pieces of pipe were selected from 8 Antarctic archaeological sites. Also included in the research were 3 diaries of sealers and whalers, as well as 2 literature books, treated as sources for a better recognition of the practices of these groups. These subjects were found to be in Antarctic lands in the first half of the nineteenth century and that, while camping and traveling, smoking was part of "being a seaman". The perceptible adaptations in the pipes made by its users represent and accentuate their belonging to the working class of their time, while the homogeneity found in the decorations does not demonstrate differentiations between each of the subjects of the group. As for the places that smoking occupied in the lives of these hunters, it was possible to understand that this practice was presented at different times, locations and bodies. It can be affirmed that the bodies of the subjects and their pipes were connected and as such, they composed their perceptions of the world, of other subjects and their experiences. The marks left on the pipes, as well as the data collected in the diaries and books, when analysed together, allowed to learn more about the experiences of those workers who are still little discussed in the history of the Antarctic continent.

Key words: Antartical Archaeology, Kaolin Pipes, Smoking.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Fumantes do acampamento Antártico 2019 .....	14
Figura 2 – Cachimbo e Nomenclaturas .....	19
Figura 3 – Ilustração da produção de cachimbos .....	21
Figura 4 – Exemplos de cachimbos ao longo do tempo: nº 2 (1580-1610); nº 20 (1680-1710) e nº 27 (1780-1810) .....	22
Figura 5 – Histograma para datação de cachimbos de Harrington .....	25
Figura 6 – Peças compostas por fragmentos de haste .....	29
Figura 7 – Peças compostas por hastes e pedúnculo .....	29
Figura 8 – Peças que apresentam haste, pedúnculo e forninho .....	30
Figura 9 – Peças que apresentam apenas forninhos .....	30
Figura 10 – Peças que compõe o Grupo 1 de decoração .....	31
Figura 11 – Peças que compõe o Grupo 2 de decoração .....	32
Figura 12 – Peças que compões o grupo 3 de decoração .....	32
Figura 13 – Marca de molde em pedúnculo (detalhe peça D) .....	34
Figura 14 – Cronologia de forninhos .....	35
Figura 15 – Tipos de folhagens na costura dos forninhos .....	36
Figura 16 – Marcas de produtor em pedúnculos de estilo distintos.....	37
Figura 17 – Desenho de Kenyon (1988) e cachimbo antártico .....	38
Figura 18 – Mapa de dispersão dos vestígios do sítio Pencas 3 .....	45
Figura 19 – Peça P, lateral do forninho .....	46
Figura 20 – Haste com marcas de modificação (peça A) .....	47
Figura 21 – Decorações das peças O e F .....	49
Figura 22 – Lado direito do forninho com marca de uso na borda (Peça Q) .....	54
Figura 23 – Detalhe da boquilha com desgaste de uso (Peça H) .....	55

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultado das datações com a fórmula de Binford (1978) por sítio .....	33
Quadro 2 – Datações por peça com base em seus atributos .....	39
Quadro 3 – Datação final por sítio .....	41

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA DE ANÁLISE .....	18
1.1 – Os cachimbos de caulim .....	18
1.2 – As fontes escritas .....	26
CAPÍTULO 2 – RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES .....	28
2.1 – Datações .....	32
2.2 – Os lugares do fumar .....	42
2.3 – Modificações, escolhas e seus sentidos .....	46
2.4 – O corpo .....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	56
BIBLIOGRAFIA .....	58
APÊNDICE 1 .....	62
APÊNDICE 2 .....	65

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho são analisados cachimbos de caulim encontrados em escavações promovidas pelo Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas – LEACH da UFMG, como meio de melhor conhecer àqueles que frequentaram o continente no fim do século XVIII e início do XIX. Para isso, a análise é realizada em conjunto com a leitura de livros de literatura acerca da baleação e diários de caçadores de mamíferos marinhos. Fazendo parte do Projeto Paisagens em Branco e compondo uma sucessão de produções sobre estes sujeitos que estiveram em terras Antárticas.

A arqueologia na Antártica remonta à década de 1950, quando foram realizadas escavações nas Ilhas Shetland do Sul por geógrafos ingleses (ZARANKIN e SENATORE, 2007). Já na década de 1960 esteve ligada à preservação e restauro de refúgios históricos usados por navegantes (SENATORE, 2008). Nos anos de 1980 tiveram início algumas escavações e descobertas por parte de pesquisadores chilenos, mas a arqueologia Antártica tomou forma mais robusta a partir da década seguinte, quando as ilhas Shetland do Sul passaram por prospecções e escavações arqueológicas de forma sistemática (ZARANKIN e SENATORE, 2007). Foram reconhecidos a partir daí diversos sítios arqueológicos correspondentes aos refúgios ligados à caça de animais. Dentre eles, há uma diversidade no que se refere aos usos, compreendidos como dois tipos distintos, um destinado ao processamento da caça e outro à habitação (ZARANKIN e SENATORE, 1999; ZARANKIN et al 2011). Desde então, e também a partir do início do projeto Paisagens em Branco, a pesquisa acerca dos vestígios encontrados na península Antártica passou a ser desenvolvida pela equipe do LEACH – UFMG.

Em 2009 teve início, o projeto intitulado "Paisagens em Branco: Arqueologia e Antropologia Antárticas". Sendo pioneiro no estudo das Ciências Humanas na Antártica pelo Brasil, tem como seu principal objetivo a investigação acerca das ocupações humanas da Antártica (ZARANKIN et al, 2011). No que se refere à Arqueologia, estão em centralidade os estudos sobre os grupos humanos que viajavam até o extremo Sul do mundo com o objetivo de caçar mamíferos marinhos em busca de suprir o comércio de peles, óleos e outros produtos derivados da gordura e da pele desses animais.

Qual seria a importância de compreender melhor a vida de trabalhadores que passaram a viajar até a Antártica quando o continente foi incorporado ao sistema mercantil globalizado de sua época? A resposta a esta pergunta está no fato de que quase nada sobre os mesmos pode ser apreendido por meio das narrativas oficiais que, em geral, tratam da história do continente gelado. Tratando-se da História Canônica ou Tradicional da Antártica os interessados em pesquisar sobre o tema irão se deparar com a presença ilustre de grandes heróis, cientistas, navegantes e suas conquistas (MADDISON, 2014), mas não foram só de grandes expedições expansionistas, aventureiras e científicas que o continente viveu nos primórdios de sua “descoberta”. Existiram grupos de foqueiros e baleeiros que passaram temporadas de verão no extremo sul para caçar animais. Dos fins do século XVIII ao início do XIX, a Antártica foi alvo recorrente da exploração faunística promovida pelo comércio globalizado por estes trabalhadores, o que é constatado pelas pesquisas realizadas pelo Projeto como, por exemplo, os resultados parciais de pesquisa apresentados no artigo *A (Des) Construção da Embriaguez em Solos Antárticos*, escrito por Soares *et al* (2016). Atualmente, os vestígios materiais deixados por estes grupos e encontrados nas escavações dos sítios arqueológicos são uma forma de conhecê-los e estudá-los. Cada peça tomada como indício dessa presença por lá, preservada até a atualidade, constitui pistas sobre o modo de vida daquelas pessoas, em comunhão com seus companheiros e com aquele espaço tão inóspito (ZARANKIN e SENATORE, 2007; ZARANKIN *et al*, 2011).

A produção científica gerada pelas pesquisas do projeto Paisagens em Branco traz em seu conjunto de fontes para análise, as narrativas presentes em diários e na literatura como formas de se conhecer melhor os caçadores de mamíferos marinhos e suas interações com as materialidades e o espaço. Como meio de analisar os vestígios e buscar aproximações relacionadas às vivências destes grupos, além de relatar também o presente antártico. Não menos importantes são as reflexões e os pensamentos pessoais dos próprios pesquisadores acerca de suas experiências nas expedições à Antártica, que influenciam em suas percepções deste passado e do presente, como pode ser percebido, por exemplo, nos artigos “*La alimentación sentida. Cocinando algunas reflexiones*”, de Cruz (2018), “A persistência da memória”... histórias não-lineares de arqueólogos e foqueiros na Antártica”, de Zarankin (2014) e na monografia “Problemas de Gênero em Alto Mar: a construção de masculinidade (s) em baleeiros da Nova Inglaterra, século XIX”, de Pena (2013).

## **Aproximações com a arqueologia antártica: a escolha de um tema de estudo**

Em 2015, meu primeiro semestre no curso de Antropologia da UFMG, fui apresentada ao Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas - LEACH, coordenado pelo professor Andrés Zarankin, no qual ingressei com a ideia de conhecer melhor a área da Arqueologia e me familiarizar com os trabalhos realizados em laboratório. Desde o início de meu contato com a pesquisa arqueológica, a análise de cachimbos foi parte fundamental do meu percurso. Juntamente com Fernanda Codevilla Soares e Will Lucas Silva Pena, pude conhecer e me aprofundar nos estudos sobre os vestígios de cachimbos de caulim recuperados no extremo Sul.

Nos anos de 2010, 2011, 2012, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019 a equipe do Laboratório realizou expedições à Antártica. Nestas foram recuperados vestígios dos mais diversos, dentre eles peças de madeira, metal, vidro, cortiça, tecidos e cerâmica. Especificamente sobre os cachimbos de caulim, somam mais de 70 fragmentos, que permitem distinguir 17 peças, referentes às campanhas desenvolvidas entre os anos de 2010 e 2017. Os vestígios dos anos 2018 e 2019 ainda se encontram em fase de curadoria e por isso não foram contemplados nessa pesquisa. O acervo do Laboratório contava com um exemplar de cachimbo de metal que foi subtraído durante a exposição “Expedição Antártica” que aconteceu no Espaço do Conhecimento UFMG, entre o final do ano de 2017 e início de 2018. Mas neste trabalho o foco permanece sobre os cachimbos de caulim, suas possibilidades, suas características e as informações que os mesmos nos trazem sobre os caçadores de mamíferos marinhos que se alojaram no continente Antártico durante seu período de exploração.

Em meu percurso como integrante do Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas, realizei diversas outras atividades que iam além da análise dos cachimbos. Dentre elas, por exemplo, as ações de mediação com o público não-arqueológico, o desenvolvimento de material didático sobre o tema de pesquisa do laboratório, a organização e contabilização de vestígios, o registro fotográfico de peças, entre outras.

Por que então seriam os cachimbos aos quais eu me dedicaria de modo mais específico? Penso que, desde que escrevi minha primeira ideia de projeto de pesquisa, no terceiro período do curso, os cachimbos estiveram em destaque, sempre ligados ao fumar, óbvio talvez, mas esta ligação me levou a refletir cada vez mais sobre minha própria prática, pois fumo desde os 15 anos, o que soma cerca de 7 anos. A partir do momento que o estudo sobre os cachimbos passou a fazer parte de meu cotidiano, também vieram em sua sombra perguntas que, quando feitas aos cachimbos, refletiram no modo como lidava com o meu próprio fumar.

Por que alguém fuma? O que fumar significa para o fumante? Quando se fuma? O que leva alguém a fumar? ... estas e outras perguntas que eu fazia aos cachimbos de 200 anos atrás, buscando discutir as motivações das pessoas que neles fumavam se transformaram em autorreflexão.... Por que eu fumo? O que fumar significa para mim? Quando eu fumo? O que me leva a fumar? .... Não pretendo necessariamente nesta monografia responder a tais perguntas, nem sobre mim nem sobre os caçadores de tempos atrás na Antártica, mas cabe aqui debater reflexões que o trabalho me suscitou e outras que incorporei quando o pensar acerca dos cachimbos e do fumar passaram a ser presentes em meu cotidiano. Estas fazem parte do que representa a relação desenvolvida entre pesquisador, objeto e seus diferentes afetos durante a investigação e interferem no resultado final do trabalho, direta ou indiretamente.

Uma das reflexões diz respeito ao fumar como meio de isolamento e como meio de socialização. Para aqueles que fumam é de se perceber como atualmente o cigarro cumpre as duas funções, quando você se encontra em algum lugar e quer distanciar-se de uma conversa ou de alguém, não há melhor desculpa do que “vou ali fumar um cigarro”. Em sentido contrário, você pode sempre sair para fumar com alguém, ou se encontrar no meio de uma rodinha na qual todas as pessoas fumam, onde um cigarro ou um isqueiro facilmente se tornam o início de uma conversa. Esta percepção pessoal pode encontrar correspondência em diferentes momentos da história e do uso do tabaco, onde o mesmo é relacionado tanto a momentos de introspecção, relaxamento e letargia, quanto com momentos compartilhados do cotidiano e em festas (HISSA, 2018).

Outra reflexão refere-se ao que chamo de recompensa/marcador de momentos. No meu dia a dia o cigarro acompanha minhas tarefas e meus prazos, ao acordar fuma-se um cigarro, depois de almoçar fuma-se um cigarro, antes da aula fuma-se um cigarro, entre as aulas fuma-se um cigarro, depois de lanche fuma-se um cigarro, ao chegar em casa fuma-se um cigarro, ao acabar um trabalho fuma-se um cigarro, ao esperar por alguém, fuma-se um cigarro. O cigarro marca inícios, fins, e às vezes sugere a sensação de completude. Mais do que isso, acaba servindo também como recompensa, por cada etapa do dia, podendo também, como já fiz, ser usado como uma gratificação: “quando eu terminar essa página posso fumar um cigarro”. Não vou deixar completamente de lado neste pensamento a questão da dependência química e emocional, sei que mesmo com esses momentos, se ficar duas horas do dia sem fumar, meu corpo vai querer mais. Os estudos sobre o tema indicam que a relação do tabaco com o vício e com rituais do cotidiano entremeia a relação dos fumantes desde seus primórdios (HISSA, 2018; GOODMAN, 2005).

Nos momentos de socialização gerados pelo fumar, também me dei conta de como as ações relacionadas com o cigarro são, na maioria das vezes, automáticas. Pegar o maço no bolso, abrir o maço, retirar um cigarro e o isqueiro de dentro dele, acender o cigarro, guardar o isqueiro novamente e em seguida o maço (tenho hábito de deixar o isqueiro dentro do maço a partir do momento em que ele cabe lá para evitar sua perda). Só reparei nisso quando, por diversas vezes, alguém me pedia o isqueiro ou um cigarro e eu tinha intenção de compartilhar, mas quando percebia já havia guardado tudo de volta completando meu ciclo de ação. O apego maior sempre foi ao isqueiro, que mesmo quando não cabia no maço voltava rapidamente para dentro de um bolso ou bolsa, isso relacionado, imagino eu, com a frequência de compartilhamento desse objeto que por diversas vezes resulta em sua perda. Ao mesmo tempo que o fumar exige rituais e práticas, estas são naturalizados e praticamente intrínsecas aos fumantes, da mesma forma que vestir uma calça jeans e fechar sua braguilha e botões, por exemplo, é um conjunto de ações que se tornam automáticas.

Nos anos de 2018 e 2019 tive a oportunidade de fazer parte das expedições do LEACH à Antártica para a escavação da caverna Lima-Lima na península Byers, localizada na Ilha Livingston, dentro do conjunto denominado Ilhas Shetland do Sul. No primeiro ano a equipe esteve acampada na praia Norte por 18 dias e no segundo ano por 32 dias. Em ambas experiências pude aprender muito acerca do trabalho de escavar em lugar tão extremo, mas também sobre estar ali e vivenciar lugares, sensações e adversidades.

Com estas e outras reflexões, e pesquisando acerca dos cachimbos, me encontrei na Antártica pensando sobre como o fumar era diferente por lá. Cheguei a pensar que realmente seria muito distinto do que considerava normal, mas acabou não sendo bem assim. O cigarro ainda marcava os momentos do meu dia, o meu acordar, o meu chegar em campo, o meu almoçar, além de cumprir as faces da socialização e isolamento. Nos dois acampamentos dos quais participei haviam outros fumantes e eles, que imagino por acharem também que o fumar seria diferente na Antártica, não providenciaram para si suficientes cigarros. Como minha percepção havia sido diferente, pensei que era um lugar onde não poderia, de forma alguma, desabastecer meu vício e, por sorte, em ambas as vezes levei cigarros bastantes para mim e para meus companheiros de fumo.

Se eu falasse que é exatamente a mesma coisa fumar na Antártica e em Belo Horizonte estaria mentindo, alguns dos sentidos que o ato assume são parecidos, mas como aprendi, o extremo Sul nunca te deixa esquecer aonde você está. Assim sendo, adquiri o costume de não usar luvas, pois além de não ver real conforto em seu uso, é extremamente desagradável manipular cigarros e isqueiros sem tato e com a mobilidade das mãos reduzidas, sem esquecer

do odor deixado nas vestes pela fumaça. Para fumar um cigarro, o que leva em torno de 5 a 10 minutos, meus dedos acabaram se acostumando com o frio, no início doíam, mas com o passar do tempo a indiferença, pelo menos das minhas mãos, passou a ser normal. O vento era outro fator que influenciava diretamente nos momentos de fumar. Acender um isqueiro normal em um lugar no qual os ventos, enquanto estávamos lá, não eram inferiores a 20km/h, é uma tarefa complicada, mas que com estratégias diferentes ia sendo resolvida em cada tentativa. Acendi cigarros fazendo cabana contra o vento com meu casaco, usando como proteção pedras e qualquer tipo de estrutura que pudesse me fornecer um vácuo entre as rajadas. Para além do momento de acender, não se pode esquecer que os cigarros atuais contêm pólvora em seu papel e fumo, de modo a facilitar a queima do tabaco para quem fuma, mas também permitindo, assim, que o vento fume grande parte de seu conteúdo.

Todos os condicionantes citados, fossem eles a temperatura, os ventos, as chuvas ou neve, estiveram presentes no período dos acampamentos, mas nenhum deles foi suficiente para impedir que eu, ou aqueles que fumavam comigo, deixássemos de fumar. Me vi rindo, passando frio e ficando encharcada ao dividir cigarros. Um dia, eu, Fernanda Oliveira e Will Pena (nesta ordem da esquerda para direita na Figura 1) descobrimos juntos uma novidade para nós: os “minigranizos”, bolinhas bem pequenas de gelo que resolveram nos agraciar enquanto, como de praxe, fumávamos depois de jantar.

Figura 1 - Fumantes do acampamento Antártico 2019



Fonte: Acervo pessoal de Will Pena (08/02/2019)

Em determinados dias encontrei até quatro isqueiros em meu casaco, que na mania por acender e diretamente guardar, acabei acumulando sem ver e, por diversas vezes, deixei meus

companheiros de cigarro esperando fogo enquanto eu acendia meu cigarro e guardava novamente o isqueiro. Os momentos em que fumei na Antártica foram diversos, muitos deles eu compartilhei com amigos, mas havia também as horas de contemplação e solidão, nas quais fumar olhando as paisagens tanto me permitia esvaziar a cabeça, quanto pensar em um milhão de coisas. Em geral, meus maiores momentos de contemplação da paisagem aconteceram acompanhados de um cigarro.

Nestas, e em diversas outras situações, não pude deixar de pensar como deve ter sido fumar cachimbos ali, acendê-los, protegê-los do vento, manuseá-los, talvez se isolar para tal ou dividi-los com os companheiros de abrigo. Eu não poderia simplesmente transferir minha experiência com os cigarros para aqueles caçadores, mas ela contribuiu para que eu me aproximasse daquilo que talvez tenha sido para eles o fumar na Antártica pensando para além da tecnicidade do hábito.

## **A construção do estudo**

Esta monografia tem como objetivo geral analisar os lugares que o fumar e os cachimbos assumem na rotina dos grupos baleeiros e foqueiros, de forma a conseguir apreender melhor como era a vida destes que foram mantidos excluídos da história oficial do continente. Acredito que cada vestígio escavado em terras Antárticas pode materializar informações sobre quem os utilizou, descartou e, em alguns casos, reaproveitou, de modo que as análises vão compondo um quebra cabeça acerca destas pessoas e suas práticas e, assim sendo, cada uma delas é de extrema importância em correlação com as fontes documentais – dos diários e literatura –, também fundamentais para a tessitura dessa trama.

Com uma perspectiva análoga à alguns trabalhos já desenvolvidos dentro do Projeto, no sentido de enriquecer o estudo, são apresentadas as diferentes percepções que tive sobre o fumar e sobre a Antártica ao longo de meu percurso como integrante do LEACH. Para a construção deste trabalho, foi adotada a premissa de que os diferentes aspectos, congruências e reciprocidades de signos, significados e de seus processos de assimilação são elementos que conferem sentido a cada um dos sítios e a cada peça, pois aproximam os caçadores de mamíferos marinhos da materialidade encontrada. Dessa maneira, a abordagem escolhida vai ao encontro de alguns pressupostos da arqueologia contextual proposta por Hodder (HODDER e HUTSON, 2003). Também busquei operar com a noção de que os objetos existem em relação e em composição com os corpos, lugares e multiplicidades de percepções que abrangem sua

existência, uso e, posteriormente, análise arqueológica (LEBRETON, 2015; PELLINI, 2016). Desta maneira, pareceu-me essencial o exercício de não descolar, na análise e nas interpretações, todos estes elementos que não se separam durante a existência de cada vestígio material.

O conjunto de cachimbos de caulim abordado para a elaboração do estudo é composto por 17 peças identificadas a partir do Número Mínimo de Peças (NMP), visto que o intuito da análise não se justifica nos fragmentos por si só - afinal um cachimbo pode se transformar tanto em 1 ou 2, quanto em 30 fragmentos -, mas sim nas peças que, quando selecionadas, ajudam a diminuir problemas de proporção no resultado das amostras, este processo será melhor abordado na metodologia do trabalho. Estas peças, selecionadas para a análise, são de 8 sítios arqueológicos diferentes na península Byers, sendo eles: Pencas 3, Sealer 1, Sealer 4, Punta Elefante 2 (PE-2), Punta Varadero (PV), Punta X-1 (PX-1), Punta X-2 (PX-2) e X-1; que foram escavados nos anos de 2010, 2011, 2012, 2014 e 2017. Os materiais encontrados no sítio Lima-Lima, que tive a oportunidade de escavar, ainda estão em processo de registro e organização, como dito anteriormente, de modo que os mesmos não entraram diretamente como parte da amostra. Mas, indiretamente, tenho registros de cada um dos cachimbos encontrados em ambas as expedições.

A partir do objetivo geral, em correlação com as peças e pressupostos teóricos estabelecidos, este trabalho está organizado em três partes: Introdução, Capítulo 1 e Capítulo 2. Na primeira parte são apresentados a arqueologia na Antártica, o Projeto no qual o trabalho está inserido, os objetivos do trabalho, os principais aportes teóricos, as reflexões que desenvolvi sobre o fumar, ao longo do tempo em que trabalhei no LEACH, e sobre a minha própria relação com o tema. Esta Introdução organiza-se de maneira mais “livre” como um espaço de expressão também pessoal de meu relacionamento com o estudo. Penso ser importante ressaltar minha inserção na pesquisa e minha relação com o tema, visto que os processos e resultados de análise nos compõe e vice-versa.

A segunda parte, o Capítulo 1, refere-se à metodologia utilizada na análise dos cachimbos de caulim encontrados em terras antárticas. Esta parte aborda a escolha das peças focalizadas no estudo, a história de produção dos cachimbos e as mudanças ocorridas ao longo do tempo, além das diferentes possibilidades presentes nos cachimbos, como decorações, detalhes, entre outros. Todos estes aspectos foram utilizados para a composição de fichas de análise que guiaram a pesquisa. Além disso, na metodologia está contemplado o uso dos textos literários e diários de navegantes e caçadores de mamíferos marinhos relacionados à época de

exploração faunística da Antártica, que compõem a construção do imaginário e a realidade do período.

O Capítulo 2 aborda os resultados e interpretações suscitadas pelas análises material e textual. Para realizar as análises e interpretar os materiais, foram levados em conta seus contextos, incluindo, assim, os sítios referentes às peças e as várias etapas das viagens de baleação. Os resultados abrangem as datações realizadas a partir das peças, as marcas percebidas nas mesmas em relação aos usos e à produção, além de aspectos formais e suas contribuições para o entendimento acerca do fumar entre os foqueiros e baleeiros. Como interpretações serão discutidos aspectos que perpassam esta materialidade, no que diz respeito às diferenciações e hierarquias, além da possibilidade de preferências estilísticas e de uso dos cachimbos. Ademais, busco trazer os cachimbos para seu lugar e seus donos, refletindo sobre a relação destes com seus corpos, suas nuances, suas interações.

Por fim, nas Considerações Finais, são apresentados os principais resultados, bem como perspectivados elementos para a continuidade dos estudos.

## **CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA DE ANÁLISE**

Tendo em perspectiva o potencial dos cachimbos de caulim para o estudo arqueológico e a possibilidade de entender mais sobre a vida daqueles que fizeram seu uso em território antártico, foram realizadas análises que não se reduziram à sua materialidade, mas também buscaram conhecer o imaginário e a forma de pensar dos trabalhadores que atuaram no extremo sul. Para tanto, a análise de vestígios foi aliada à leitura de diários de navegantes e da literatura de época sobre os marinheiros que partiam em busca de mamíferos marinhos para caça.

No prosseguimento deste Capítulo serão apresentadas as informações que contribuíram para a composição das fichas de análise de cachimbos, as quais desenvolvi junto com a equipe do LEACH, que sistematizam os dados relativos a esta materialidade, contando acerca da história de sua produção e as mudanças que ocorreram ao longo do tempo que contribuem nos processos de análise destes materiais. Em sequência são apresentadas as fontes escritas que complementam a análise, especialmente no que se refere aos usos e relações que envolvem os cachimbos. Para isso, é tratado o envolvimento das fontes dentro da arqueologia histórica e como neste estudo elas foram abordadas.

### **1.1 – Os cachimbos de caulim**

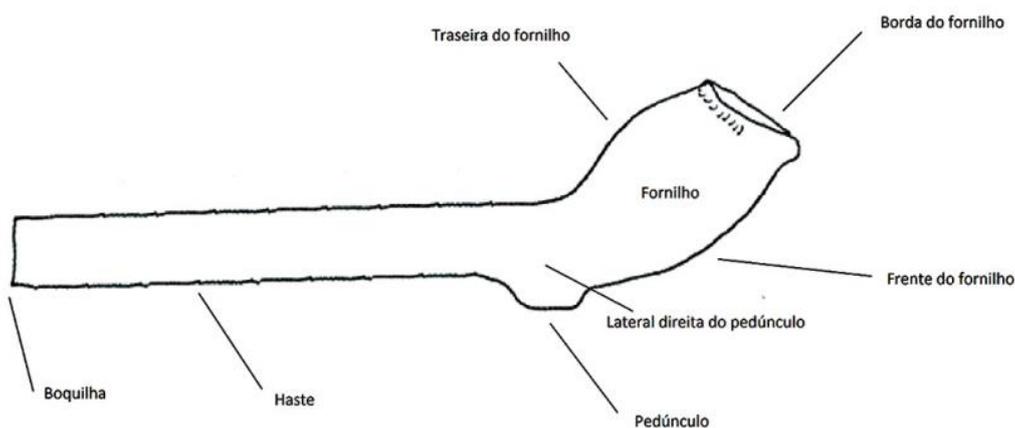
Os cachimbos de caulim, quando foram apresentados e depois amplamente consumidos pelas sociedades europeias, trouxeram para o Ocidente uma nova prática, o fumar e, dessa forma, se espalhou por diversas partes do mundo como algo que vai além do objeto (HISSA e LIMA, 2017; FOX, 1998). Os cachimbos apresentam diversas possibilidades em relação à pesquisa arqueológica na medida em que suas mudanças, ao longo do tempo, são bem demarcadas e seu tempo de vida pode ser curto, como aborda Hume (1969):

Os cachimbos de caulim ingleses são possivelmente a pista mais valiosa para o estudo de sítios históricos, pois é um item que foi manufaturado, importado, usado e jogado fora, tudo dentro de um período de um ou dois anos. Por sorte, a forma dos forninhos de cachimbos passou por evoluções facilmente reconhecíveis que começaram antes do início do século dezessete e ainda estavam em andamento através do século dezenove (...). Além do que, cachimbos eram extremamente baratos, assim sendo, disponíveis para todos os níveis econômicos da sociedade colonial. (HUME, 1969, p.296. Tradução livre)

Nos anos de 2010 a 2017 a equipe do LEACH encontrou cerca de 76 fragmentos associados a partes de cachimbos de caulim. No processo de análise foi possível perceber que 76 fragmentos não correspondiam a 76 cachimbos, visto que um mesmo cachimbo pode quebrar-se em diversas partes e continuar sendo 1 cachimbo.

Antes de detalhar o processo de aferição do NMP da coleção, é importante esclarecer as partes que compõe um cachimbo, visto que, a partir destas, são realizadas remontagens e estima-se quantas peças, no mínimo, existem no acervo. Dessa forma, cabe pontuar que os cachimbos de caulim são formados essencialmente por haste e forninho, podendo conter também pedúnculos, especialmente entre os que foram produzidos entre o século XVII e o século XIX (ATKINSON e OSWALD, 1980; AYTÓ, 2002). Para além destas partes, tem-se também as denominações boquilha e borda. A primeira refere-se à parte final da haste, que entra em contato com a boca de quem fuma, e a segunda como a parte final do forninho. Para melhor apreensão acerca dos cachimbos e das análises subsequentes, a Figura 2 apresenta as nomenclaturas usadas nos estudos de cachimbos.

Figura 2 - Cachimbo e Nomenclaturas



FONTE: Hissa e Lima (2017, p. 227)

No âmbito dos estudos realizados no Laboratório usamos o Número Mínimo de Peças (NMP) para evitar problemas estatísticos na análise. As peças foram selecionadas com base em características únicas em um cachimbo, por exemplo, um cachimbo possui apenas um pedúnculo, ou seja, cada pedúnculo, provavelmente, corresponde a uma peça. É importante destacar que a maior parte das hastes remontadas possui 5 fragmentos, sabemos que tais correspondem a um cachimbo, pois remontam, mas se faltasse algum elo desta montagem, uma análise que não privilegia as peças e sim os fragmentos, poderia incorrer no erro de pensar que

pertencem a duas peças diferentes. A maior parte dos fragmentos encontrados são de hastes (total de 32 fragmentos) possivelmente porque são muito frágeis e se quebram em pedaços mais numerosos (HUME, 1969); visto que pretendemos evitar superestimar o número de peças, optamos por considerá-las apenas quando estão relacionadas a pedúnculos, ou quando são o único vestígio de cachimbo de algum sítio.

No que diz respeito aos forninhos, a seleção é parecida com a dos pedúnculos. Sabe-se que cada cachimbo possui apenas um forninho, este é constituído de apenas uma frente e uma traseira e apresenta também uma borda. Dado este fato, quando são encontradas duas partes de forninho que pertencem à traseira, teremos duas peças, se o caso for outro e houver uma frente e uma traseira que não remontam por falta de fragmentos, mas têm congruências estilísticas entre si, estas poderiam ser de um mesmo cachimbo, assim não podendo ser tomadas como duas peças distintas e uma delas passa a ser elencada como peça. Os fragmentos de forninhos quando apresentam diferentes motivos decorativos também podem ser diferenciados.

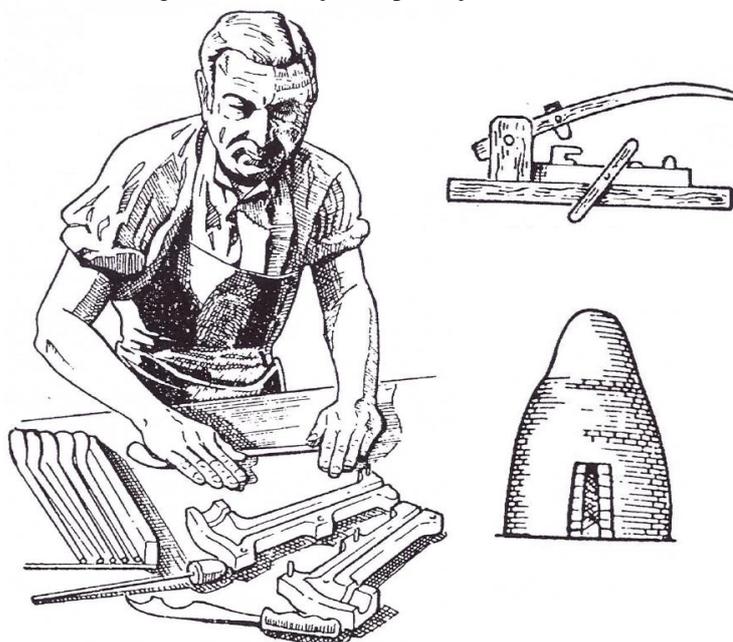
Foram elencadas 17 peças ao fim do processo. Estas correspondem a 8 sítios diferentes, sendo 6 do sítio Pencas 3; 2 do sítio Sealer 4; 1 do sítio Punta Varadero; 1 do sítio PX-1; 1 do sítio PX-1, 3 do sítio X1, 3 do sítio PE-2 e 1 do sítio Sealer 1. Após a definição das peças foram constituídas quatro fichas de análise, objetivando acompanhar os estudos dos cachimbos e três das mesmas têm seus itens e a descrição de como preenchê-los no Apêndice 1, a quarta ficha não consta no apêndice, pois diz respeito à cálculos realizados no processo de datação que serão abordados no prosseguimento desta metodologia. Na elaboração das fichas e também nas análises, foram utilizadas diferentes referências bibliográficas que auxiliaram na composição dos tópicos a serem observados no estudo das peças

O processo de manufatura dos cachimbos ao longo dos anos foi diverso. Os objetos apresentam variedades de formas e sentidos, as decorações e os tipos de pedúnculos ou ângulos de forninhos podem fornecer informações sobre onde e quando os cachimbos foram produzidos (AYTO, 2002; ATKINSON e OSWALD, 1969, 1980; HISSA e LIMA, 2017; HISSA, 2018; PIERCE, 2007). Os maiores e mais numerosos centros produtores de cachimbos de caulim, entre os séculos XVI e XIX, se localizavam na Inglaterra, tendo a produção Holandesa, desde o século XVII, como rival, principalmente no que diz respeito à qualidade e exportação. Haviam também cachimbos sendo produzidos na França, Alemanha e alguns outros países, mas estes apresentaram menor potencial de exportação frente às fabricações inglesa e holandesa (HISSA & LIMA, 2017; HISSA, 2018).

Para produzir os cachimbos de caulim vários processos eram realizados, o primeiro envolvia a escolha e o tratamento da argila, que era lavada para a retirada de impurezas. Em

seguida era seca e novamente era batida para remover o ar de sua composição. Em sequência eram formadas bolas de argila que posteriormente eram modeladas, grosseiramente, em formato de cachimbos para sua inserção no molde de duas partes. Uma espécie de arame era passado na futura haste cerâmica da forma bruta antes que a mesma fosse inserida no molde. O molde tinha o forninho perfurado, com um mecanismo chamado de *Gin Press*, no qual uma alavanca com uma parte oval era nele prensada formando a cavidade que mais tarde receberia o fumo (pode ser observada na Figura 3). Com essa parte do processo concluído, a haste de metal era retirada assim como o molde para que a argila secasse. Quando seca, as imperfeições e sobras eram retiradas e os cachimbos colocados em um receptáculo de cerâmica (*sagger*). Este era adicionado ao forno onde eram queimados em mais de 900°C (AYTO, 2002). Com a finalização da queima, as boquilhas eram embebidas em cera para que os lábios dos fumantes não grudassem à porosidade da cerâmica (HISSA e LIMA, 2017).

Figura 3 - Ilustração da produção de cachimbos



Fonte: Compilação do autor<sup>1</sup>

A queima dos cachimbos era realizada de forma a impedir o contato da argila com a fumaça, por meio dos *saggers*, isto ocorria porque a presença de carbono nas peças alteraria sua coloração. Este procedimento era então realizado em fornos fechados e com a presença dos recipientes que ajudavam a impedir este contato (HISSA e LIMA, 2017). Através dos anos o

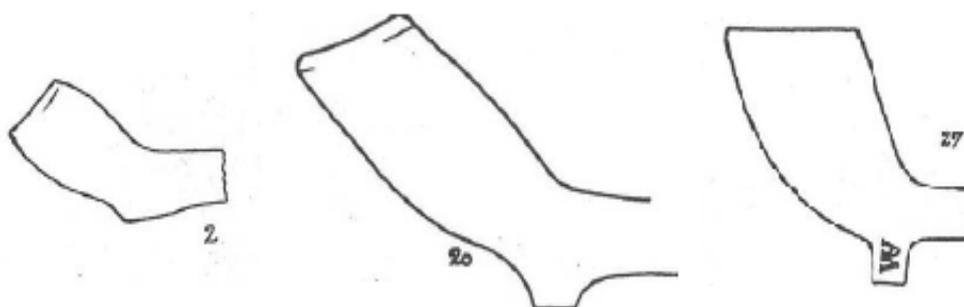
<sup>1</sup> Montagem a partir de imagens coletadas do livro *Clay tobacco pipes* de Ayto (2002, p. 12).

processo de produção dos cachimbos foi aprimorado, sendo este descrito referente à larga introdução da *Gin Press* que aconteceu a partir de 1700 (AYTO, 2002).

Pouco depois de 1700 algumas mudanças importantes na qualidade tiveram lugar. Cachimbos foram feitos com dimensões mais precisas, um acabamento mais suave e maior grau de fragilidade. A parede do forninho era mais fina e a haste mais delgada. Tudo isso sugere uma melhoria constante nas habilidades do ofício, incluindo técnicas de fogo, bem como a arte da produção de moldes. Mais ou menos ao mesmo tempo, o topo do forninho estava sendo nivelado com a haste, em vez de inclinado para baixo na direção da frente do forninho. Esta mudança em particular, juntamente com um forninho mais vertical do que antes, é uma indicação de um novo método de fabrico que provavelmente foi provocado pela introdução do *Gin Press* (AYTO, 2002, p. 6. Tradução livre).

Os primeiros cachimbos de caulim assemelhavam-se a colheres, possivelmente próximos àqueles usados pelos indígenas norte-americanos, dos quais os europeus receberam influências (HIGGINS, 1985, 1995; AYTO, 2002). Com o passar do tempo, os forninhos cresceram para acomodar maior quantidade de tabaco e se tornaram mais longos, além disso, a partir do século XVIII, o ângulo do forninho, em relação à haste, diminuiu fazendo com que deixasse de ser inclinados para frente e ficasse com a borda cada vez mais paralela à haste (AYTO, 2002; ATKINSON e OSWALD, 1969, 1980; HÜME, 1969).

Figura 4 - Exemplos de cachimbos ao longo do tempo: nº 2 (1580-1610); nº 20 (1680-1710) e nº 27 (1780-1810).



FONTE: Compilação do autor<sup>2</sup>.

Uma outra característica morfológica de produção dos cachimbos que passou por mudanças ao longo do tempo foi o pedúnculo. No século XVI este era incorporado aos cachimbos com o sentido claro de permitir que fossem apoiados em mesas ou superfícies. O pedúnculo denominado *heel* (nº 2 na Figura 4) compunha uma parte plana e larga na parte

<sup>2</sup> Montagem a partir de imagens coletadas no artigo *London clay tobacco pipes* de Atkinson e Oswald (1969 p. 178; 180).

inferior da junção do forninho com a haste (AYTO, 2002; ATKINSON e OSWALD, 1969). Com o desenvolver das técnicas e com as alterações nos usos, os cachimbos passaram a ser produzidos também com os chamados *spurs* (nº 20 e nº 27 na Figura 4), fato este que teria ocorrido a partir do século XVII. Este tipo de pedúnculo é mais curto, às vezes arredondado e mais alto do que o primeiro, desta maneira, por fazerem partes de cachimbos mais longos, impediam o dano às mesas ou superfícies quando apoiados durante seu uso (AYTO, 2002; ATKINSON e OSWALD, 1969). Estes dois tipos, *heel* e *spur*, passaram por pequenas mudanças no decorrer da produção dos cachimbos, mas são as nomenclaturas mais usadas referentes à esta parte das peças.

Além de cumprir as funções ligadas ao apoio do cachimbo, alguns pedúnculos também carregam marcas de produtores. Estas, que podem estar presentes em outros locais do cachimbo, são importantes para as análises, a identificação de quem pode ter produzido as peças e onde elas foram produzidas (HUME, 1969; HIGGINS, 1985, 2009, 2012; HISSA, 2108). Outra possibilidade que os pedúnculos provêm está ligada à descontinuação da apara de excessos e desvios de argila que passou a ocorrer a partir do fim do século XVIII devido ao aumento da produção e venda de cachimbos decorados, fator este que permite delimitar a temporalidade de seu período de produção (PEARCE, 2007; HIGGINS, 2004).

As dimensões dos cachimbos variaram ao longo do tempo, os primeiros produzidos na Inglaterra no século XVI possuíam hastes de 10 a 15 centímetros, enquanto seus forninhos apresentavam diâmetro interno de cerca de 6mm, estes sendo inclinados para frente e contendo forma similar à de pequenos barris. Já no século XVII houve um crescimento tanto do forninho quanto da haste, o primeiro apresentando diâmetro interno de 9mm, enquanto as hastes passaram a ter de 25 a 30cm, momento que acompanha o desenvolvimento dos *spurs*, pois com hastes maiores havia a possibilidade de o cachimbo ser apoiado enquanto era usado. Ao fim deste mesmo século, o diâmetro do forninho voltou a aumentar para cerca de 13mm, de forma geral os cachimbos passaram a ser mais longos (AYTO, 2002).

No século XVIII houveram mudanças na qualidade da confecção dos cachimbos, que podem ser representadas pelo fato de que as hastes passaram a ser mais delgadas e os forninhos terem paredes mais finas, o que foi acompanhado pela busca por nivelar a borda dos cachimbos com suas hastes como supracitado, ainda sendo produzidos com proporções parecidas com as do fim do século anterior, chegando a 35 cm de comprimento (AYTO, 2002).

Alguns cachimbos extralongos, que fugiam um pouco dos padrões de produção, foram feitos no século XVIII, com hastes de 45 a 60 cm de comprimento, chamados de *aldermans* ou

*straws*. E, na segunda metade do século XIX, foram introduzidos exemplares que chegavam a 90 cm de comprimento, os chamados *churchwardens* (AYTO, 2002).

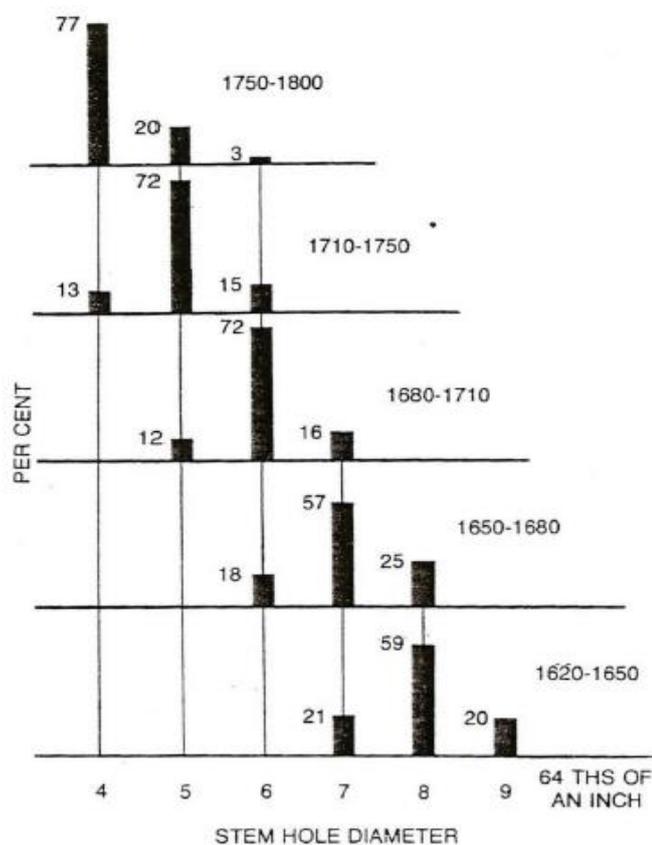
As decorações dos cachimbos também sofreram alterações de motivo, forma e tipo de produção ao longo dos séculos. Durante o princípio do século XVII, a maioria dos cachimbos não possuía decorações, apenas detalhes nas bordas ou marcas de fabricantes. Quando possuíam, eram em maioria de origem Holandesa, sendo mais conhecidas aquelas referentes à realeza. Na primeira metade do século XVIII foram fabricados exemplares heráldicos, que abordavam brasões reais, de cidades e de companhias, já na segunda metade do mesmo século também foram produzidos com emblemas maçônicos e com representações de regimentos. Neste período, foram incorporados padrões de folhas nas costuras do molde presentes no forninho. Muitas dessas opções decorativas perduraram durante o século XIX, que teve uma produção mais acentuada de cachimbos decorados, que também envolviam representações de esportes, navios de pesca, flores, peixes, entre outras (AYTO, 2002). Havia também cachimbos mais elaborados que ao invés de possuírem representações gravadas, moldadas ou escavadas nas faces dos forninhos possuíam os forninhos moldados em formatos variados como de crânio, rosto de alguém da realeza, entre outros. Para além das diferenciações temporais que podem ser observadas através das ornamentações, pode-se pensar também nas escolhas feitas pelos sujeitos, diante da grande variedade existente no mercado e para diferentes públicos. Como ressalta Ayto (2002) “de fato, havia tantos assuntos diferentes retratados que poucos clientes não poderiam comprar um cachimbo que os conectasse com sua ocupação ou interesses.” (AYTO, 2002, p. 6. Tradução livre).

Em análises empreendidas em 1980, Atkinson e Oswald (1980), estabeleceram que, quando presentes na costura do molde dos forninhos, decorações que incorporavam folhas, flores e folhagens, estes estavam diretamente ligadas à produção inglesa e suas variações podem ser indicativos de seu período de produção.

Várias foram as mudanças que fizeram parte da história dos cachimbos e cada uma delas fornece detalhes sobre quando os cachimbos foram feitos, quem os consumia, além de potencialmente onde foram feitos. No processo de análise, todos estes aspectos são levados em conta e aprofundados na medida em que se relacionam com os propósitos desta pesquisa. Existem catálogos que apresenta as diferentes decorações e marcas de produtores, assim como assimilam a morfologia dos cachimbos à sua época, juntamente com artigos e livros que exploram grandes coleções escavadas e datadas com seus exemplares e suas representações. As principais referências para a elaboração das fichas de análise foram: Atkinson e Oswald (1980, 1969), Ayto (2002), Higgins (1985, 1995, 2004, 2009), entre outros.

Embora não conste no Apêndice 1 uma quarta ficha elaborada pela equipe do LEACH é a que diz respeito à datação das peças, com base no método desenvolvido por Binford (1978). Apesar de grande parte dos aspectos morfológicos dos cachimbos podem ser usados para sua datação, Harrington (1954) criou um histograma que visa datar as peças a partir do furo das hastes. Segundo ele os diferentes diâmetros internos das hastes de cachimbo variaram ao longo do tempo e, a partir de uma grande amostragem de cachimbos datados, ele percebeu que com os anos e o aprimoramento da técnica de produção dos cachimbos, o furo da haste diminuía. Pode ser observado na Figura 5 o histograma que representa a combinação dos diâmetros internos das hastes de cachimbos de caulim (em 1/64 avos de polegada) com a porcentagem de cada um em diferentes épocas.

Figura 5 - Histograma para datação de cachimbos de Harrington



Fonte: Harrington (1978).

A partir deste histograma, Binford (1978) propôs uma fórmula de regressão linear para melhor organizar o uso das informações, na qual Y corresponde à data média da amostra e X a média de diâmetros internos dos fornos:  $Y = 1931,85 - 38,62X$ .

A limitação da fórmula acompanha a limitação da tabela de Harrington (1978), a qual perde precisão a partir do fim do século XVIII, visto que neste período a diminuição do furo das hastes se estabiliza, ou seja, não diminui mais e impede a continuação desse aspecto para a datação. Além desse fator, é ser necessária para sua aplicação uma amostra grande e o histograma não contempla cachimbos que não são ingleses. Críticas foram feitas acerca da fórmula descrita, no que diz respeito à sua linearidade, devido à possibilidade de picos de produção em diferentes momentos do período (HANSON, 1969). Segundo Hanson (1969), os períodos poderiam ser melhor representados por uma parábola, ele então produziu 10 fórmulas lineares para suprir as faltas da fórmula de Binford (1978), estas foram raramente usadas (McMILLAN, 2016).

A ideia de que uma parábola seria mais adequada para formular a evolução dos diâmetros internos das hastes de cachimbos de caulim também foi assimilada por Heighton e Deagan (1971) que, por sua vez, produziram duas equações, uma primeira logarítmica geral:  $X = (-\log Y + 1,04435) / 0,05234$  (na qual Y é a média de diâmetro das amostras em 1/64 polegadas), e uma segunda onde a data é encontrada através do resultado da primeira equação:  $data = 1600 + 22X$ . Esta fórmula não foi muito utilizada desde sua proposição (HEIGHTON e DEAGAN, 1971; MCMILLAN, 2016; HISSA, 2018).

Um consenso entre diversos estudiosos é o fato de que datações por meio de fórmulas não podem ser usadas sozinhas para a interpretação de um sítio. Isso porque, diante da diversidade de possibilidades para a datação destes artefatos, uma fórmula pode chegar a incorrer no erro de 15 anos para um item que teve vida útil de dois. Além disso, as peças e seus usos apresentam improvisos, exceções e formas que fogem ao padrão e não nos permitem aplicá-las, na sua totalidade, a linearidade sugerida por este tipo de método de análise. Assim, não deve ser usada sozinha e descolada de todas as outras formas de se identificar o período de sua produção conforme afirmam Hissa (2018) e McMillan (2016).

## **1.2 – As fontes escritas**

Na Arqueologia Histórica as fontes de informação acerca dos sujeitos e objetos estudados podem ser diversas. Além de vestígios materiais escavados, são amplamente utilizadas documentações para as análises, sejam estas para contestar, confirmar ou integrar os conhecimentos referentes às materialidades (GALLOWAY, 2006; LIMA, 2002). O entrelace destas fontes já acontece com recorrência em trabalhos realizados pelo Projeto Paisagens em Branco como relatado na Introdução.

No caso deste trabalho são utilizadas a literatura e os diários de baleeiros e foqueiros dado seu potencial de contextualização no que diz respeito aos sujeitos estudados. São fontes que apresentam relatos de experiência e que sugerem aspectos de como era a vida dos marinheiros que partiam ao extremo Sul para caçar, podendo também fornecer informações mesmo que indiretas sobre possíveis usos e significados do material escavado.

Os textos, assim como os artefatos, são contextualmente produzidos, ou seja, um documento histórico e um diário, por exemplo, fazem parte de sua época e apresentam informações acerca de seu tempo. O mesmo se aplica às histórias literárias, que trazem à tona parte de um cotidiano e forma de pensar de seu presente, ajudando a formular o imaginário de seus contemporâneos acerca dos mais diversos assuntos. Dessa maneira, as formas escritas também são importantes para a análise não só dos contextos, mas também dos objetos nele inseridos (GALLOWAY, 2006).

Foram elencados dois livros de literatura, sendo eles: *Moby Dick*, de Melville (2011) e *O lobo do mar*, de London (2013); além de três diários de baleeiros: *Four years aboard the whaleship: embracing cruises in the Pacific*, Whitecar (1860), *Etchings of a Whaling Cruise: With Notes of a Sojourn on the Island of Zanzibar*, Browne (1846), *Incidents of a Whaling Voyage*, Olmstead (1841). Os livros e diários tratam de viagens de baleação, tendo como foco os períodos em que os tripulantes se encontravam no mar ou em portos ao longo de seu trajeto. Não são contemplados períodos de assentamento no Polo Sul, mas este fator não diminui sua importância e possibilidade de assimilação em relação aos trabalhadores em terra. A caça começava em alto mar e, durante todo o período até a chegada em terra, os trabalhadores assimilam a vida de caçadores de mamíferos marinhos que compõe seu universo de ação e convivência (SALERNO, 2015). Desta maneira um fator que ajuda na compreensão do contexto destas pessoas durante sua experiência na baleação pode ser contemplado desde quando embarcados.

Para a realização da análise não basta apenas conhecer o material, mas também como ele é apresentado e formulado nos textos que lhe dizem respeito (BEAUDRY, 2007). A partir desta dimensão, as leituras de diários e livros literários foram acompanhadas de um esquema de perguntas que possibilitaram a organização de suas informações acerca dos cachimbos e do fumar, tais como: Quem fuma? Quando fuma? Em qual local? O que fuma? Como fuma? Qual a quantidade? Onde compram? e Por que fumam?. Além das questões acima estava incluída na leitura a busca por compreender os valores associados ao fumar presentes nos textos, sendo eles: questões de gênero, questões de hierarquia social dentro do navio, questões econômicas, questões étnico-raciais, questões de etiqueta e questões de nacionalidade.

## CAPÍTULO 2 - RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

No decorrer das análises e buscas por compreender melhor os cachimbos, assim como seus usuários no contexto antártico, e a interação de ambos, diversas reflexões e possibilidades de discussão foram levantadas. Desta forma, para melhor dispor os resultados desta pesquisa este capítulo será subdividido em 5 partes. Nesta primeira, são apresentadas as peças de cachimbos que fizeram parte do arranjo construído para as análises e interpretações. Na sequência, o tópico “2.1 – Datações”, trata da cronologia de cada um dos sítios a partir deste material. O tópico “2.2 – Os lugares do fumar” traz informações acerca de onde e como estas práticas aconteciam, além de quem eram àqueles que fumavam nos contextos de baleação e como se dava a relação do fumar em seus espaços físicos, hierárquicos e de negociação. Já o tópico “2.3 – Modificações, escolhas e seus sentidos”, contempla as diferentes apropriações e características distintivas de algumas peças na busca por entender melhor os usos e as escolhas dos usuários em relação a seus cachimbos. O último tópico “2.4 – O corpo” aborda a presença e a assimilação da materialidade dos cachimbos, levando em conta as relações estabelecidas nos e com os corpos de seus usuários e suas interações, mediante as diversas faces da vida dos trabalhadores.

Os vestígios de cachimbos de caulim que foram escavados pela equipe do Laboratório são abordados neste estudo tendo como centralidade 17 peças, estas apresentam características morfológicas semelhantes entre si, porém com algumas particularidades. Para melhor reconhecimento, estas serão apresentadas em grupos mediante suas características análogas. Além de serem expostas neste tópico, todas as peças podem ser observadas no Apêndice 2 e algumas especificidades e detalhes de cada uma estarão dispostas ao longo do Capítulo.

Começando pelas peças que representam apenas hastes, na Figura 6 é contemplada a peça J, sendo esta a única que não possui nenhum outro elemento que compõe um cachimbo, e também a única que corresponde ao sítio PX- 1, por isso considerada como peça. É um fragmento de haste liso, na cor creme que não possui nenhum tipo de marca ou decoração e tem seu furo interno de 5/64 polegadas.

Figura 6 – Peças compostas por fragmentos de haste



Fonte: Registro do autor (08/06/2019)

Na Figura 7 estão as peças B, C, H e N, que apresentam pedúnculos e hastes, sem a presença de forninhos. As peças B e C correspondem ao sítio Pencas 3, a primeira contendo boquilha e a segunda apenas parte da haste. A peça H do sítio Sealer 4 e a peça N do sítio X-1. Todas são peças lisas, não contendo decoração na haste. Os furos das hastes têm dimensões de 4/64 polegadas. As peças B e H possuem coloração enegrecida, possivelmente devido ao contato pós-deposicional com o fogo. Em maioria apresentam marca de molde no pedúnculo.

Figura 7 – Peças compostas por haste e pedúnculo



Fonte: Registro do autor (08/06/2019)

As peças A, D, E, L, M e Q possuem todas as partes de um cachimbo elencadas anteriormente. Além destas, apresentam também forninhos, que trazem em si características relevantes de sua composição, como pode ser observado na Figura 8. As peças A, D e E foram

encontradas no sítio Pencas 3, as peças L e M no sítio X-1 e a peça Q no sítio Sealer 1. As peças A, D e E tem em seus forninhos decoração fito floral. As peças L, M e Q não apresentam decoração. As hastes são todas lisas e os pedúnculos apresentam marcas de moldes.

Figura 8 - Peças que apresentam haste, pedúnculo e forninho



Fonte: Registro do autor (08/06/2019)

As peças que representam apenas fragmentos de forninho são: I, K, R, O, P e podem ser observadas na Figura 9. Peça I correspondente ao sítio PV, a peça K ao sítio PX-2 e as peças R, O e P ao sítio PE-2. Todas as estas peças apresentam decorações fito florais, sendo as correspondentes ao sítio PE-2 diferentes das decorações das outras peças. As peças I, K e P possuem coloração escura devida à queima pós-deposicional de seus fragmentos.

Figura 9 – Peças que apresentam apenas forninho



Fonte: Registro do autor (08/06/2019)

Para além das partes que compõe os cachimbos, as peças podem também ser diferenciadas mediante suas características decorativas, havendo 3 grupos observáveis. É importante destacar que as decorações encontradas na coleção se localizam nos forninhos dos cachimbos. O Grupo 1, retratado na Figura 10, é composto pelas peças A, D, E, F, I, e K, que apresentam decoração de motivos fito florais sendo esta composta por ramos longitudinais de pequenas folhas, além de flores de 6 pétalas na traseira do forninho, nas proximidades da haste. Este grupo contempla 3 sítios escavados, sendo eles: Pencas 3, PV e PX-2.

Figura 10 – Peças que compõe o Grupo 1 de decoração



Fonte: Registro do autor (08/06/2019)

Os forninhos do Grupo 2 ainda mantêm em sua decoração motivos fito florais, mas são distintos do anterior. Em sua composição estão presentes detalhes acanalados, próximos a borda, que são divididos entre uma linha mais fina e uma mais grossa, essa última contendo cruces em seus detalhes. Já na parte inferior do forninho são identificadas flores circulares tendo pontos como centro, além de folhas acanaladas que complementam a finalização de “galhos”. As peças R, O e P, com estas características, estão representadas na Figura 11 e são todas de um mesmo sítio, o PE-2

Figura 11 - Peças que compõe o Grupo 2 de decoração



Fonte: Registro do autor (08/06/2019)

Já o Grupo 3, composto pelas peças Q, L e M, diferente da maioria dos forninhos da coleção, não apresenta decoração, são lisos e correspondem aos sítios X-1 e Sealer 1. Podem ser observados na Figura 12.

Figura 12 – Peças que compõe o Grupo 3 de decoração



Fonte: Registro do autor (08/06/2019)

## 2.1 – Datação

Para a datação das peças e de seus conjuntos de sítios foram utilizados diferentes métodos. Como já apresentado no Capítulo 1, são diversas as possibilidades de datação de cachimbos de caulim tendo como cerne suas características morfológicas. Foram desenvolvidas fórmulas, catálogos e descrições de aspectos decorativos, aspectos métricos e detalhes de produção acerca dos cachimbos por diferentes autores como Binford (1978), Atkinson e Oswald (1980, 1969), Higgins (2004) e Pearce (2007). Estas que quando aplicados em conjunto podem fornecer datações mais próximas do período de manufatura das peças.

O primeiro método de datação a ser levado em conta foi a fórmula apresentada por Binford (1978). Sendo conhecidas suas limitações, a mesma não foi a principal referência, mas não poderia ser deixada de lado, dada sua importância e recorrência dentro dos estudos sobre cachimbos. Para aplicar a fórmula aos sítios foram utilizados todos os fragmentos de haste referentes aos mesmos e não apenas aqueles eleitos como peças, afinal, quanto maior a quantidade de medidas de diâmetro interno, potencialmente melhor será o resultado.

É importante ressaltar a necessidade de não serem incluídas boquilhas ou junções de haste com forninhos nas medições, pois ambas podem apresentar distorções em relação à medida do diâmetro interno. Estas acontecem graças à interferência gerada pelo do acúmulo de argila na ferramenta que produz o furo da haste. Quando a mesma é inserida e retirada de cada cachimbo, no momento de sua produção, pode acumular argila em sua ponta produzindo um alargamento em seus pontos de entrada e saída. (HARRINGTON, 1978).

A fórmula de Binford (1978) quando aplicada, mesmo que com número de fragmentos reduzido, revelou algumas datas a serem levadas em consideração quando apresentadas em conjunto com outros métodos. No Quadro 1 são apresentados os resultados encontrados para cada um dos sítios a partir deste método de datação:

Quadro 1 - Resultado das datações com a fórmula de Binford (1978) por sítio

Sítio	Número de fragmentos de haste em cada sítio	Datação aproximada com base na fórmula de Binford (1978)
Pencas 3	22	1779
Sealer 4	3	1779
PX-2	1	1741

PX-1	2	1741
PV	1	1779
X-1	5	1779
PE-2	3	1741
Sealer 1	1	1779

Percebe-se que foram encontradas duas datações principais, uma referente à 1741 e outra referente 1779. Estes resultados se relacionam com o fato de que apenas duas medidas de diâmetro interno foram identificadas, a de 5/64 polegadas e a de 4/64 polegadas. Por mais que estes resultados sejam contestáveis, dada a pequena amostra e todas as limitações do método, a diminuição dos diâmetros internos das hastes foi um fato ao longo dos séculos na produção inglesa (HUME, 1969). Compreendendo as limitações deste método quantitativo, são expressivas as possibilidades de realizar datações mais precisas a partir de diversas outras características morfológicas dos cachimbos (HUME, 1969; PEARCE, 2007; HISSA, 2018).

Focando em outras atribuições da morfologia e da produção dos cachimbos, é dado prosseguimento ao processo de datação das peças e seus sítios. No que se refere às marcas de molde geradas no processo de manufatura, como relatado por Higgins (2004) e posteriormente por Pearce (2007), quando presentes nos pedúnculos, estas representam períodos posteriores ao século XVIII. Estes tipos de “sobras” não aparadas nos pedúnculos são presentes nas peças: B, D, E, F, L, M, N e Q. Um exemplo pode ser observado na Figura 13.

Figura 13 - Marca de molde em pedúnculo (detalhe peça D)



Fonte: Registro do autor (20/05/2019)

Outro indicativo para as datações que foi aplicado às amostras se refere ao formato em que eram produzidos os cachimbos, no que diz respeito à todas suas características. São inclusas neste método a distinção da inclinação e forma dos forninhos além do tipo, tamanho e composição de seus pedúnculos, que foram esquematizadas por Atkinson e Oswald (1969) como apresentado na Figura 14.

Figura 14 - Cronologia de forninhos

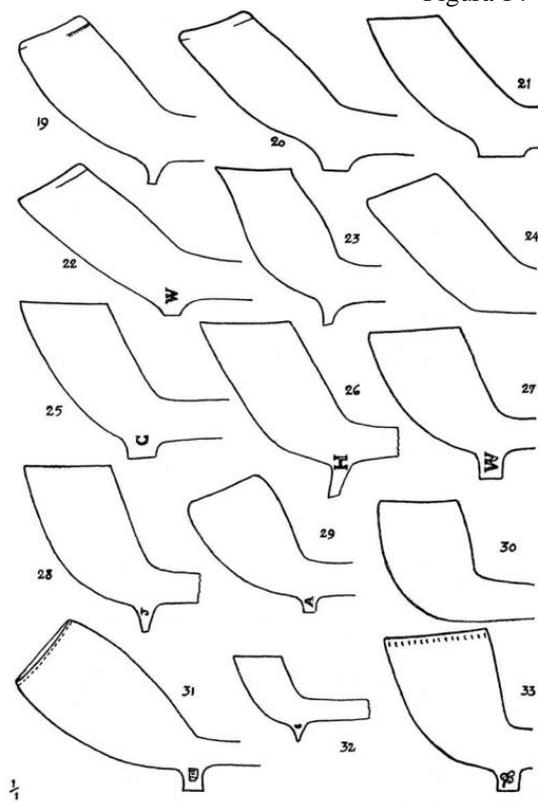


FIG. 2. Bowl Types, c. 1680-1900.

Fig. 2

19. c. 1690-1710. Late spur type.
- 20-2. c. 1680-1710. Long bowls some moulded initials on sides of base. For variants see Figs. 5, 9, and 10.
23. c. 1690-1720. West Country style, thin brittle bowls. See Fig. 5, no. 27.
24. c. 1700-40. American export style occasionally found in London.
25. c. 1700-70. Common standard south eastern type for the eighteenth century. The lip of the bowl parallel to the stem, a change that occurred about 1700. Bowl sizes vary, the earlier are longer and narrower, the thickness of stem and bowl decreases as the century wears on. For variants see Figs. 5 and 10. No milling.
26. c. 1740-1800. New type with forward spur, thin bowls, sometimes decorated.
27. c. 1780-1820. Thin brittle bowl, flat based spur. Figs. 6 and 10.
28. c. 1820-40. Pointed spur, small initials. Figs. 6 and 10.
29. c. 1840-80. Forward drooping bowl, small spur. Fig. 6, nos. 33, 37.
30. c. 1850-1910. Copy of the briar. Fig. 6, no. 35.
31. c. 1850-1910. Copy of Dutch type. Fig. 6, no. 36.
32. c. 1840. Occasionally found in London. Miniature.
33. Post 1840. Irish type. Although often stamped Dublin these were made at several centres in Britain from a type mould supplied to several makers.

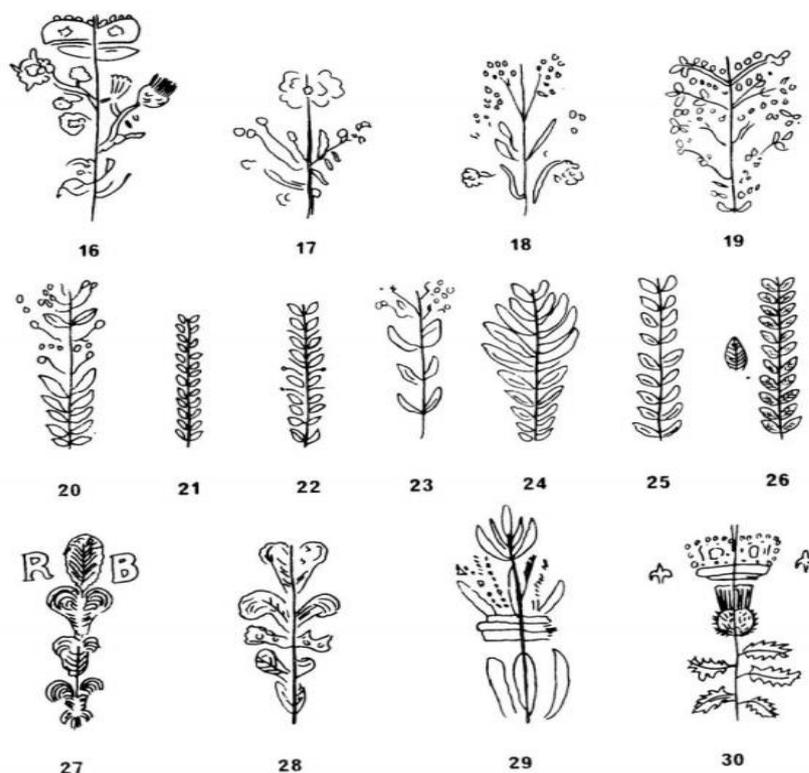
Fonte: Atkinson e Oswald (1969, p. 179; 180)

Dentre os exemplares da coleção antártica, foram identificados forninhos correspondentes aos seguintes números da Figura 14: 28 (peça Q) e 27 (peça M). Tendo identificados os tipos de forninho a partir dos dados de Atkinson e Oswald (1969), podemos então associá-los às datas encontradas pelos autores que corresponde a cada uma das peças comparadas. Sendo elas 1780-1820 para peça M e 1820-1840 para a peça Q.

Ainda relacionado às técnicas de manufatura combinadas com os tipos de decoração, estão as folhagens na linha de molde encontradas nos forninhos. Trata-se de mais um conjunto de características da produção inglesa de cachimbos que possui decorações incorporadas na linha de junção do molde para apaziguá-la, atributo este presente em todos os forninhos decorados da coleção (ATKINSON e OSWALD, 1980). Os padrões de tamanho, disposição e de elementos presentes nesta parte das decorações foram esquematizados, conforme suas

alterações ao longo do tempo, em artigo produzido por Atkinson e Oswald (1980). A Figura 15 registra uma parte dos exemplos e suas reproduções expostas pelos autores.

Figura 15 - Tipos de folhagens na costura dos forninhos



Fonte: Atkinson e Oswald (1980, p. 377)

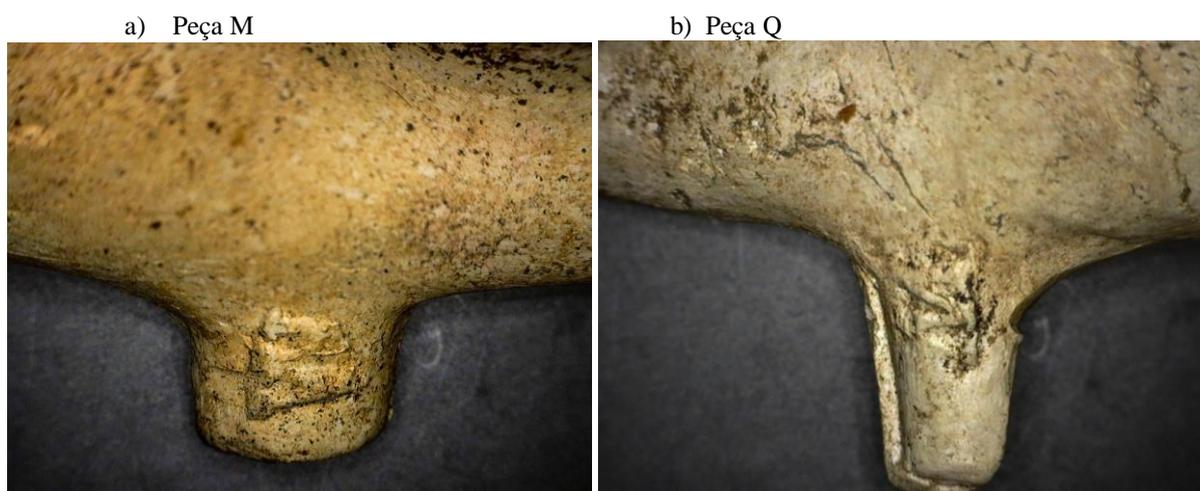
As peças antárticas possuem na junção de molde de seus forninhos folhagens muito similares à representada no número 21 da Figura 15, desenho este que, de acordo com os autores, data de 1820 a 1840, período no qual foram utilizadas pequenas folhas e nenhuma flor para a decoração desta parte específica dos cachimbos (ATKINSON e OSWALD, 1980). Assim sendo, este dado aproxima a datação de algumas das peças a partir de sua decoração e manufatura, mas não é o único.

As peças Q e M não possuem decoração, mas possuem uma característica que as difere daquelas que possuem. Juntamente com a peça L, apresentam marcas de produtor, em relevo, nas laterais do pedúnculo e apresentam serifa, marca esta que alonga as bases e os finais nos traços das letras<sup>3</sup>. Este é outro elemento das peças que possibilita a composição de sua datação,

<sup>3</sup> Segundo Novo Dicionário Aurélio (1986), serifa é definida como: “pequeno traço, ou, às vezes, simples espessamento, que remata, de um ou de ambos os lados, os terminais das letras não lineais de caixa alta e caixa baixa, e que pode ter a forma de filete, barra, etc.; remate.”. Sendo assim, arremates de letras que podem ser observados inclusive entre as diferentes fontes usadas nos textos atualmente. A fonte Times New Roman é um exemplo de escrita com serifa, onde os terminais de sua letra apresentam espessamento, ao contrário a fonte Calibri não apresenta este detalhe. Exemplo de fonte com serifa: M; exemplo de fonte sem serifa: M.

as iniciais de produtores representadas nas laterais dos pedúnculos ficaram populares em 1710, mas entre os anos de 1800 e 1830 o estilo de *spur* mais amplo e com serifas largas passou a ser substituído por um mais pontudo com iniciais serifadas menores e, em 1840 este tipo de remate das letras deixou de ser usado (ATKINSON e OSWALD, 1969). Estes dois tipos de pedúnculos com marcas serifadas nas laterais estão presentes na coleção, como pode ser observado na Figura 16 que apresenta o detalhe da peça M, que tem seu pedúnculo largo e inicial serifada (a), e o da peça Q, que apresenta pedúnculo fino e inicial serifada (b).

Figura 16 - Marcas de produtor em pedúnculos de estilo distintos



Fonte: Registro do autor (20/05/2019)

As marcas de produtores presentes nas peças L e M correspondem a forma mais larga de pedúnculo enquanto a peça Q pode ser incluída nas características que as substituíram, apresentando o pedúnculo mais pontudo e a letra serifada menor, o que a coloca entre os anos de 1800 e 1830.

Enquanto eram realizadas pesquisas bibliográficas acerca da morfologia e nomenclatura das decorações de cachimbos ingleses, foi encontrado o texto “*Moulded decorations on clay tobacco pipe bowls*” escrito por Kenyon (1988). Este texto é parte de uma compilação de notas sobre o século XIX realizada pelo *London Chapter*, correspondente à divisão regional da *Ontario Archaeological Society*<sup>4</sup>. Nessa coleção de notas são apresentados diversos temas de estudo, entre eles estão os cachimbos e no texto destacado constam ilustrações de diversas peças selecionadas pelo autor para exemplificar seu contexto de análise e discussão acerca das decorações moldadas dos forninhos. Uma destas representações chamou

<sup>4</sup> Mais informações podem ser encontradas no site: <https://www.ontarioarchaeology.org/index/~london>

atenção por apresentar decoração análoga àquelas peças encontradas no sítio PE-2, correspondentes ao previamente apresentado Grupo 2. Pode-se observar a comparação entre a ilustração e a decoração presente no cachimbo antártico na Figura 17.

Figura 17 - Desenho de Kenyon e cachimbo antártico



Fonte: Kenyon e Kenyon (2008, p. 44) e Registro do autor (20/05/2019)

Ambas as decorações reveladas na figura 17 apresentam próximo a sua boquilha detalhes acanalados, que são divididos entre uma linha mais fina e uma mais grossa e em sua parte inferior são identificadas flores circulares com pontos como centro além de folhas acanaladas que complementam a finalização de “galhos”, descrição já realizada na apresentação do Grupo 2 com mais detalhes. A semelhança encontrada no que diz respeito à um aspecto dos cachimbos traz consigo o fato de que o autor identifica essa peça como sendo datado de 1820 a 1840 (KENYON e KENYON, 2008). Em buscas e pesquisas não foi possível encontrar mais dados acerca da peça, seu sítio ou datação apresentadas no texto de Kenyon (2008).

A conjunção de todas estas informações identificadas nos cachimbos que permitem reconhecer sua época de produção deixa as análises temporais mais próximas às datações de cada item. O Quadro 2 apresenta as datações proporcionadas à cada uma das peças com base em seus atributos destacados. As datas encontradas referentes à fórmula de Binford (1978) apenas são incluídas quando são o único recurso que se aplica para as peças

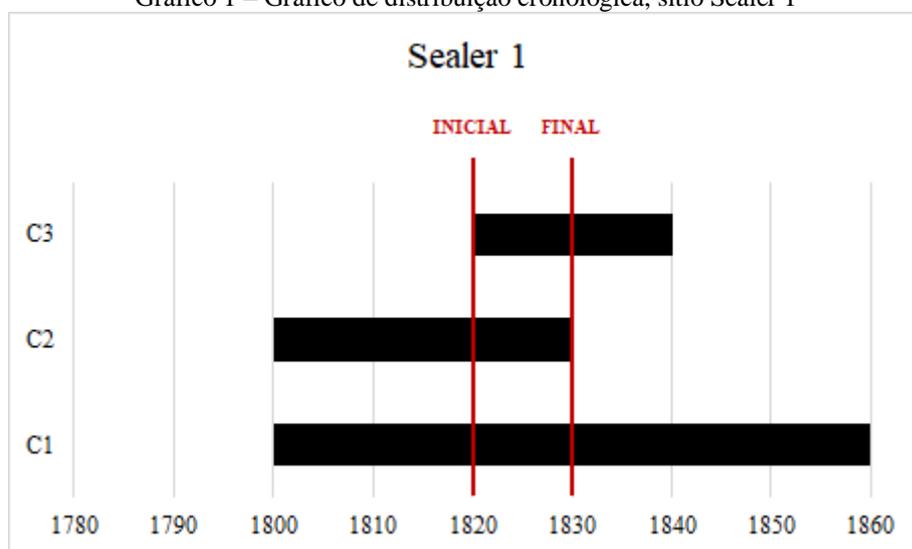
Quadro 2 - Datações por peça com base em seus atributos

Nome da Peça	Sítio	Datação	Características datáveis apresentadas
A	Pencas 3	1820-1840	Marca de molde no pedúnculo: Pós 1800 (PEARCE,2007); Costura no forninho com decoração de pequenas folhas: 1820-1840 (ATKINSON e OSWALD, 1980)
B	Pencas 3	Posterior à 1800	Marca de molde no pedúnculo: Pós 1800 (PEARCE,2007);
C	Pencas 3	1779	Fórmula de Binford (1978)
D	Pencas 3	1820-1840	Marca de molde no pedúnculo: Pós 1800 (PEARCE,2007);Costura no forninho com decoração de pequenas folhas: 1820-1840 (ATKINSON e OSWALD, 1980)
E	Pencas 3	1820-1840	Marca de molde no pedúnculo: Pós 1800 (PEARCE,2007); Costura no forninho com decoração de pequenas folhas: 1820-1840 (ATKINSON e OSWALD, 1980)
F	Pencas 3	1820-1840	Marca de molde no pedúnculo: Pós 1800 (PEARCE,2007); Costura no forninho com decoração de pequenas folhas: 1820-1840 (ATKINSON e OSWALD, 1980)
H	Sealer 4	Posterior à 1800	Marca de molde no pedúnculo: Pós 1800 (PEARCE,2007);
I	PV	1820 - 1840	Costura no forninho com decoração de pequenas folhas: 1820-1840 (ATKINSON e OSWALD, 1980)
J	PX1	1779	Fórmula de Binford (1978)
K	PX2	1820-1840	Costura no forninho com decoração de pequenas folhas: 1820-1840 (ATKINSON e OSWALD, 1980)
L	X1	1800-1820	Marca de molde no pedúnculo: Pós 1800 (PEARCE,2007); Forma do forninho: 1780 - 1820 (ATKINSON e OSWALD, 1969)
M	X1	1800-1820	Marca de molde no pedúnculo: Pós 1800 (PEARCE,2007); Forma do forninho: 1780 - 1820 (ATKINSON e OSWALD, 1969)
N	X1	Posterior à 1800	Marca de molde no pedúnculo: Pós 1800 (PEARCE,2007);
O	PE-2	1820-1840	Costura no forninho com decoração de pequenas folhas: 1820-1840 (ATKINSON e OSWALD, 1980); Datação de decoração análoga: 1820-1840 (KENYON e KENYON, 2008)
P	PE-2	1820-1840	Costura no forninho com decoração de pequenas folhas: 1820-1840 (ATKINSON e OSWALD, 1980); Datação de decoração análoga: 1820-1840 (KENYON e KENYON, 2008)
Q	Sealer 1	1820-1830	Marca de molde no pedúnculo: Pós 1800 (PEARCE,2007); Marca de produtor serifada nas laterais de <i>spur</i> pontudo: 1800-1830 (ATKINSON e OSWALD, 1969); Forma do forninho: 1820 - 1840 (ATKINSON e OSWALD, 1969)
R	PE-2	1820-1840	Costura no forninho com decoração de pequenas folhas: 1820-1840 (ATKINSON e OSWALD, 1980); Datação de decoração análoga: 1820-1840 (KENYON e KENYON, 2008)

As peças apresentam entre si datas próximas. Aquelas que contêm apenas a fórmula de Binford (1978) como datação são fragmentos de hastes, sobre os quais não foi possível tirar outras informações. Diante de tais elementos de análise, torna-se necessário levar em consideração que as peças estão inseridas em sítios e, dessa forma, o conjunto deve ser considerado para a composição de uma datação do período de ocupação de cada um dos locais escavados.

Para a definição das datações dos sítios foram agrupadas as diferentes datas atribuídas a cada peça correspondente. O mesmo processo foi realizado entre as diferentes características das peças. Foram constituídos gráficos de distribuição cronológica de cada uma das características (no caso das peças) ou peças (no caso dos sítios), para que ficassem visíveis os períodos em que sua produção pode ter ocorrido. Pode-se compreender melhor com o exemplo exposto no Gráfico 1, que corresponde à datação do sítio Sealer 1 com base nas características de sua única peça associada (Q).

Gráfico 1 – Gráfico de distribuição cronológica, sítio Sealer 1



Neste caso foram atribuídas três características, como previamente explicitado no Quadro 2 que se referem a peça Q, que por ser a única do sítio proporciona também a datação do mesmo, sendo elas:

- C1 - Marca de molde no pedúnculo: Pós 1800 (PEARCE,2007);
- C2 - Marca de produtor serifada nas laterais de *spur* pontudo: 1800-1830 (ATKINSON e OSWALD, 1969);
- C3 - Forma do forninho: 1820 - 1840 (ATKINSON e OSWALD, 1969).

Seus intervalos de tempo são então associados, levando em conta que a peça não poderia ter sido depositada antes da data de início mais recente de produção entre todas suas características, da mesma forma a mesma não poderia ser produzida depois do fim da datação de qualquer um destes elementos. Temos então a data de 1820 a 1830, visto que a forma do forninho (C3) só passou a ser produzida em 1820, de modo que não poderia ser datada de períodos anteriores, enquanto as marcas serifadas de produtor nas laterais do pedúnculo (C2) foram descontinuadas a partir de 1830, o que encerra neste período a possibilidade de produção da peça Q.

Para compor a datação de cada um dos sítios, este método foi adotado e adequado a cada situação com base em suas características datáveis e a datação de suas peças. É importante destacar que esse método de datação foi inicialmente proposto por South (1971) para análise de louças. Com base nessa metodologia de estudo, fizemos sua adaptação para os sítios antárticos. No Quadro 3 são apresentados os resultados obtidos em cada caso:

Quadro 3 - Datação final por sítio

Sítio	Datação
Pencas 3	1820-1840
Sealer 4	Posterior a 1800
PX-2	1820-1840
PX-1	1779
PV	1820-1840
X-1	1800-1820
PE-2	1820-1840
Sealer 1	1820-1830

Com este resultado das datações percebe-se como a aplicação da fórmula de Binford (1978), para este estudo, não foi tão próxima às datações encontradas a partir da conjunção de outros atributos datáveis dos cachimbos, que se distanciam daquelas encontradas pela fórmula. Apenas no caso do sítio PX-1, que apresentou apenas um fragmento de haste como peça, foi mantida a datação atribuída pela fórmula, visto que não se fez possível reconhecer nenhuma outra característica que fornecesse informações sobre seu período de produção.

As datações encontradas em maioria são condizentes com as datas oficialmente conhecidas acerca do primeiro contato com a Antártica, que seria por volta de 1820 (BUSCH, 1985; STACKPOLE, 1953). Como já reconhecido, o tempo de vida dos cachimbos de caulim era curto, todavia devem ser levados em conta seu transporte a diferentes lugares até que chegasse o momento de sua eventual compra e uso, o que pode até acrescentar um tempo a mais, além dos usuais um ou dois anos, mas não tanto para terem discrepância significativa entre o período de sua produção e deposição. A primeira metade do século XIX apresenta-se, então, como foco da presença destes caçadores a partir dos vestígios de seus cachimbos.

## **2.2 - Os lugares do fumar**

Para melhor compreender os cachimbos de caulim e o fumar, em seus lugares nos navios, nos acampamentos, entre os grupos de marinheiros e dentro de suas hierarquias, é importante que sejam conhecidas as formas por meio das quais essa prática se apresenta e como ela faz, ou não, parte da vivência e da interação diária destes sujeitos. A começar, são levadas em conta as informações disponíveis nos diários, relativas à esta prática e às suas diversas possibilidades de interação. São variados os dados apresentados, no que diz respeito à presença dos cachimbos e do fumar nas navegações e entre seus trabalhadores.

Os diários consultados, assim como os livros de literatura, tratam mais fortemente dos períodos nas embarcações e portos, não mencionando os momentos de acampamentos no extremo sul. Apesar disto, podem contribuir para contextualizar os caçadores que navegavam até a Antártica em busca de mamíferos marinhos, visto que são os mesmos sujeitos que desciam em terra para os refúgios. No que diz respeito ao fumar, pode-se perceber que, pelo menos no navio, era uma prática extremamente comum entre os marinheiros, desde o capitão até aqueles que estavam na base da hierarquia, como ressalta a seguinte passagem de um diário:

Marinheiros quase universalmente fazem uso de tabaco nas formas de fumar ou mastigar. Seu delicioso tabaco é carregado em seus bolsos, juntamente com um canivete, vários pedaços de fio de corda e uma variedade de outras coisas. A partir do momento em que "saem", é introduzida uma grande quantia (de tabaco), a ser renovada quantas vezes a ocasião exigir, até que "voltem" novamente. Alguns dos homens depositaram de cinquenta a setenta libras de tabaco como consolo para a viagem, e provavelmente terão de obter um novo suprimento do capitão antes de voltarem para casa. (OLMSTED, 1841, p. 83. Tradução livre).

Nas embarcações, o tabaco era carregado em grandes quantidades, tanto para consumo próprio quanto para vendas e trocas nos portos. As informações acerca do tabaco complementam àquelas referentes aos cachimbos e ao fumar de maneira geral, visto que estão diretamente associados. Este produto também era vendido pelo capitão e servia de moeda de troca entre os marinheiros, fator que também se observa em passagens de diários, como:

Mantendo seus assentos, vi meia dúzia de pessoas sentadas em torno de um baú (ou, no jargão dos marinheiros, burro), uma pilha de tabaco no centro, embaralhando um baralho de cartas sujas e oleosas, jogando blefes ou all-fours, e observando o jogo como se sua própria existência dependesse de ganhar ou perder alguns quilos de tabaco. (...) e lembro-me, certa noite, de ver um homem, depois de perder todas as suas ações, tirar a camisa das costas e vendê-la para o tabaco para continuar o jogo. (...). Nós, que não participamos do jogo, resistimos o tempo que pudemos, pois, os frequentadores habituais de um jogo de azar, palavras e brigas altas eram abundantes; finalmente começamos a reclamar, quando o capitão, para evitar perturbações, ofereceu uma libra de tabaco por cada maço de cartas que deveria ser trazido até ele. (WHITECAR, 1860, p.32. Tradução livre).

No navio haviam lugares e momentos em que o fumar era permitido ou coibido. Não são abrangentes as restrições em relação à esta prática e podem variar de embarcação para embarcação. Em alguns momentos nota-se a proibição do fumar no tombadilho<sup>5</sup> do navio (OLMSTEAD, 1841), mas em outros há indicações de oficiais e capitães que o fazem no mesmo local. Podendo ser permeados pela hierarquia, os lugares do fumar no navio não são diretamente transponíveis para os acampamentos, mas proporcionam melhor entendimento acerca desta prática entre os marinheiros.

Indo além do lugar físico em que se podia ou não fumar, pode-se também constatar o lugar que a prática assumia nas interações e tempos dentro dos navios. O tabaco e o cachimbo estiveram associados à momentos de confraternização e conversas e também a momentos de relaxamento e esquecimento do trabalho, o que também se mostra nos diários:

É enfaticamente o consolo do marinheiro nos relógios da noite tempestuosa. À noite, o marinheiro pega o cachimbo e, sentado no cabrestante, esquece as dificuldades que experimenta constantemente nas fumegantes emanações do narcótico. (OLMSTEAD, 1841, p.83-84. Tradução livre).

Depois do jantar, no entanto, das seis às oito horas, é o momento das diversões de todas as variedades. Os oficiais conversam juntos na parte posterior do navio, enquanto os homens se amontoam ao redor do cabrestante, fumando seus cachimbos, "tecendo fios" ou ouvindo uma música do sr. Freeman, ou dançando ao som de seu violino. (OLMSTEAD, 1841, p.88-89. Tradução livre).

Foi realmente interessante testemunhar os efeitos de irritação contínua, privações e dificuldades sobre os diferentes personagens no castelo de proa em momentos como

---

<sup>5</sup> Seguimento mais elevado de um navio que vai de sua última vela até a popa.

este. (...) Charley fumava seu cachimbo e remendava suas roupas. (BROWNE, 1846, p. 215. Tradução livre).

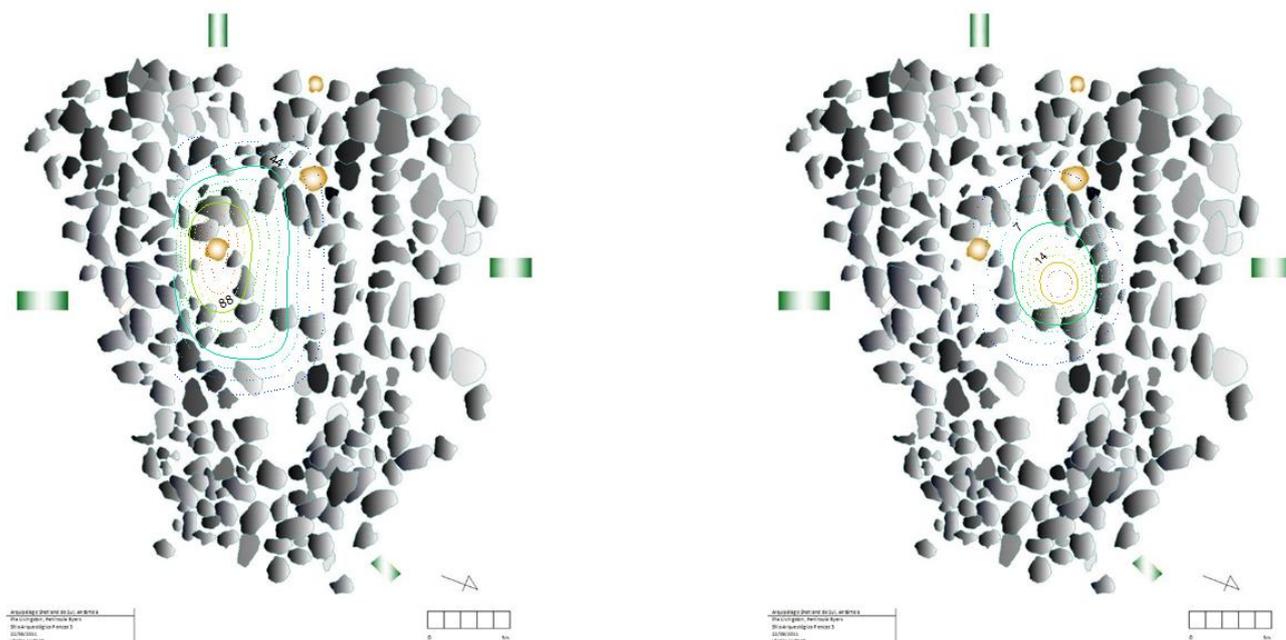
Nessas passagens é perceptível a participação ativa que o fumar possuía nas vivências dos marinheiros e caçadores de mamíferos marinhos, ocorrendo em diferentes lugares, com diferentes conotações, ao longo de toda a jornada de caça. No caso dos acampamentos estas informações podem ser levadas em conta. Embora as informações priorizem apenas o navio ou os portos, as pessoas eram as mesmas a descerem em terra para realizar os acampamentos de caça.

No que diz respeito aos vestígios encontrados nas escavações, o uso dos cachimbos em terras Antárticas é percebido em maior escala em recintos de moradia, onde os trabalhadores cozinhavam, dormiam e se abrigavam nos momentos de tempo ruim (SOARES; AMORIM; PENA, 2019). Este fato traz o fumar para momentos compartilhados, em espaços que eram comuns aos trabalhadores desembarcados, onde realizavam suas refeições, dormiam e passavam o tempo quando não era possível trabalhar. Estes autores ressaltaram que:

Ao realizar um mapeamento da dispersão dos vestígios arqueológicos nos sítios, foi possível identificar as áreas de concentração dos materiais dentro dos acampamentos. Esse trabalho foi desenvolvido através do software SYSTAT, que produz gráficos estatísticos de distribuição de material, distribuindo os dados quantitativos espacialmente e analisando comparativamente com as plantas/croquis elaborados em campo. A maior parte dos vestígios arqueológicos coletados em sítios antárticos localizam-se no entorno da fogueira, dentro dos refúgios, local onde, provavelmente, os grupos foqueiros desenvolviam atividades diversas. (SOARES; AMORIM; PENA, 2019, p. 143).

Com os dados gerados através do mapeamento de densidade de materiais nos sítios arqueológicos por meio do SYSTAT, pode-se obter melhor visão das relações intra-sítio dos usuários com seus itens. Esta informação, sendo válida também aos cachimbos, quando realizados os mesmos mapas para apenas esta materialidade. Podem ser observados os dois tipos na Figura 18, onde ao lado esquerdo está representado o gradiente de dispersão de todos os vestígios do sítio e à direita apenas vestígios de cachimbos de caulim.

Figura 18 – Mapa de dispersão dos vestígios do sítio Pencas 3



Fonte: Soares; Amorim; Pena (2019 p.144).

A partir destes dados, a presença do cachimbo é ressaltada nos refúgios de moradia onde ocorriam a maior parte da vida e interações dos trabalhadores quando em terra. O traço de uso dos cachimbos em ambientes compartilhados nos acampamentos é expresso também pela queima pós deposicional que algumas peças apresentam, relacionando-as com as fogueiras presentes nos abrigos. Os cachimbos ou suas partes, ao serem descartados próximo a fogueiras, indicam não apenas que seu descarte era feito ali, sugerem o local de seu uso, visto a fragilidade dos exemplares e a perda de sua utilidade com as diferentes quebras encontradas nos fragmentos. Uma vez quebrados, eram grandes as chances de serem descartados caso a possibilidade de reaproveitamento fosse inviável. Na Figura 19, pode-se observar o exemplo da peça P, que possui em sua constituição um fragmento que passou por queima pós deposicional, indicando sua proximidade à fogueira e outro que teve uma parte resguardada do fogo, aspecto notado pelas diferentes colorações que a peça assume.

Figura 19- Peça P, lateral do forninho



Fonte: Registro do autor (20/05/2019)

O papel de isolamento e introspecção para o fumar, assim como o de sociabilidade enfatizados na introdução deste estudo, acompanham também os marinheiros em suas temporadas nos navios e possivelmente em terras antárticas. O compartilhamento de momentos de descontração e pausa no trabalho, para refeições e descansos, assim como a espera pela melhora do tempo, são envolvidos com o fumar, este ocorrendo em grupo e em solidão. O que se mostrou provável a partir dos diários e da dispersão de materiais, além de suas condições de descarte.

Nas embarcações e nos acampamentos percebe-se a quase não existência de um completo isolamento. Em sua maioria, os momentos são compartilhados, assim como os ambientes, sejam de trabalho ou de descanso. Este é um dos fatores que compõe o ser marinheiro, aprender a lidar com lugares, práticas e sensorialidades que são comuns a todos (SALERNO, 2015). Dessa forma compondo também o fumar para estas pessoas.

### **2.3 - Modificações, escolhas e seus sentidos**

No que se refere às dimensões dos exemplares da coleção, os 5 forninhos que permitiram medidas de diâmetro (Peças A, O, P, Q e R) possuem entre 18 e 24 milímetros. As hastes das peças foram consideradas completas em tamanho quando possuem boquilha identificável ou quando não há sinal de quebra, são o caso nas peças A, B, H, M e Q. A maior haste possui 7,2 cm e a menor 1,4 cm, todas apresentam indícios de que passaram por um processo de

aperfeiçoamento ou por mudanças feitas propositalmente. Isso pode ser afirmado dadas as marcas deixadas nos processos de modificação, tais como de corte e raspagem, que podem ser observadas na Figura 20, que apresenta o detalhe da boquilha da peça A. Podem ser verificadas ranhuras perpendiculares à haste e as marcas de vértice paralelas à mesma, que não condizem com o formato arredondado e liso de hastes e boquilhas não modificadas.

Figura 20 - Haste com marcas de modificação (peça A)



Fonte: Registro do autor (20/05/2019)

Segundo a bibliografia era uma prática comum aos trabalhadores a opção por cachimbos de haste menor ou quebradas para se adequar ao uso durante o trabalho (BEAUDRY, 2007; AYTO, 2002). Beaudry (2007) destaca esta prática como estando diretamente associada à classe trabalhadora e sua expressão de pertencimento.

A coleção de cachimbos da hospedaria e residência de empregados do engenho de Boott evidencia que os fumantes da classe trabalhadora que lá viveram quebraram as hastes de certos tipos de cachimbo de argila branca para encurtá-la antes de seu uso. Dentro do contexto do comportamento contemporâneo, tais ações eram expressões claras de pertencimento às classes trabalhadoras. (BEAUDRY, 2007. p. 94).

Ayto (2002) também ressalta a preferência de cachimbos mais curtos pela classe trabalhadora, que tomou forma quando o cachimbo passou a ser um item usado para além do lazer, necessitando assim o livre uso das mãos enquanto se fumava e trabalhava:

(...) os trabalhadores do século XIX preferiam seu habitual cachimbo curto, que era muito barato e frequentemente distribuído com uma cerveja nos estabelecimentos. O cachimbo mais curto tinha a vantagem de reduzir a carga nos dentes quando se fumava e trabalhava ao mesmo tempo. Este novo hábito (antes era usual que os tabacos de argila fossem fumados em lazer, com a haste sustentada nas mãos) acarretou a produção de cachimbos curtos especiais (...) embora muitos cachimbos

fossem encurtados pela quebra da porção indesejada de sua haste para servir às necessidades individuais. (AYTO 2002. p. 10. Tradução livre).

Com a haste mais curta, torna-se mais fácil fumar enquanto se realiza trabalhos manuais. Estes cachimbos menores receberam alguns nomes, mas um deles pode ser especial quando pensamos no contexto antártico. Ainda segundo Ayto (2002), os cachimbos curtos recebiam o nome de *nose warmers* (esquentadores de nariz) no norte da Inglaterra. Pode-se pensar nessa nomenclatura de forma prática quando analisado que o cachimbo mais completo da coleção do Laboratório, a peça A, possui pouco mais de 3cm de haste e que o fumo em seu forninho quando usado poderia chegar a 500°C<sup>6</sup>. O tabaco quando queimado em um cachimbo com estas proporções pode aquecer narizes em lugar onde as temperaturas se mantêm baixas como a Antártica, podendo assim seu tamanho ser útil aos trabalhadores de duas formas.

No que diz respeito ao encurtamento das hastes por meio de modificações proporcionadas por seus usuários, os cachimbos da amostra analisada, que apresentam em sua composição boquilhas, em maioria passaram por esse processo. Como discutido, este fator possui contribuições práticas para o uso dos mesmos enquanto se trabalha e, em terras antárticas, pode ter a vantagem de também ajudar na manutenção da temperatura de extremidades. Para além disso, se mostra como um traço destas materialidades que expressa o pertencimento de seus usuários à classe trabalhadora.

Indo além das interferências dos usuários na materialidade de forma direta como as quebras e modificações propositais, podemos também assimilar na discussão de suas possibilidades de escolha e seus significados, as decorações presentes nos exemplares. Metade das peças possui decoração, todas as decorações identificadas ocorrem nos forninhos dos cachimbos e tem motivos fito florais. Foram identificados dois tipos diferentes de decorações, ambas mantendo um mesmo motivo, mas apresentando detalhes distintos entre si, como descritas no início do Capítulo, as características do Grupo 1 e Grupo 2 de decoração. É possível observar os dois tipos identificados na Figura 21. Do lado esquerdo está a peça O, que representa a decoração do Grupo 2 referente ao sítio PE-2 e do lado direito a peça F, que representa Grupo 1 assimilado em diversos sítios.

---

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.apassionforpipes.com/classic-blog-posts/the-thermodynamics-of-pipe-smoking.html>

Figura 21 - Decorações das peças O e F



Fonte: Registro do autor (20/05/2019)

A decoração, com suas múltiplas possibilidades, possui apelo visual e estético, sabe-se que as mais diversas imagens podiam compor os cachimbos, imagens estas que podem identificar seus usuários como membros de diferentes grupos como, por exemplo, decorações com símbolos da maçonaria, com bandeiras de diferentes países, brasões de diferentes realezas e instituições. Para além dessa diferenciação demarcada por grupos de pertencimento, os usuários poderiam também obter cachimbos com imagens de jogos, de animais, diferentes plantas, rostos, que poderiam se encaixar em seu gosto ou afinidade pessoal. Mesmo com essa diversidade, todos os cachimbos encontrados nas escavações antárticas, quando apresentam decorações, as mesmas são iguais entre si em cada sítio e são decorações estandardizadas, das mais baratas entre as que eram comercializadas à sua época, sem referências específicas ou diferenciações.

Um item de preços baixos que possuía pequenas variações, mas não chegava a preços altos, podia ser adquirido com facilidade a gosto de quem quisesse comprar (AYTO, 2002; HISSA e LIMA, 2017). Um fator de grande influência para a uniformidade destes itens na amostra Antártica pode repousar justamente na curta vida útil dos cachimbos. Nos navios havia o chamado *slop-chest*, espécie de venda onde os marinheiros conseguiam adquirir, através de um meio de crédito, diversos produtos de necessidade, entre eles cachimbos. Todos os itens em geral não constavam em variedade para a escolha dos trabalhadores do navio e, desse modo, se durante a viagem os marinheiros necessitassem adquirir novos exemplares estes não constariam em diversidade para sua escolha (HOHMAN, 1928; CREIGHTON, 1995). Se fosse

de grande vontade e interesse de cada um, nos momentos em terra os marinheiros podiam comprar um cachimbo que lhes fosse mais agradável, mas através das amostras do Laboratório, vê-se que não parecia ser importante afirmar pertencimentos ou diferenciações hierárquicas, étnicas ou sociais através de decorações.

Os cachimbos poderiam estar muito mais ligados ao fumar do que a um fetiche da mercadoria para estes trabalhadores no que diz respeito à decoração, mas também sua padronização pode indicar a forma que os navios e seus comandos tinham de uniformizar estes trabalhadores e suas materialidades (BEAUDRY, 2007). Este fator não exclui o pertencimento de classe que é expresso nos cachimbos pelos trabalhadores através da quebra de sua haste, mas demonstra que para além deste aspecto as escolhas e possibilidades de decoração da amostra são diminutas.

Ainda relacionado com as escolhas feitas pelos marinheiros acerca de seus cachimbos, suas adaptações e possibilidades, a hierarquização destes não era expressa por meio dos cachimbos no que diz respeito à sua decoração, pelo menos não em terreno antártico, o que leva ao pensamento de que, em certa medida, no que diz respeito ao fumar, existia uma maior paridade entre os marinheiros. As pessoas embarcadas nos navios eram as mesmas que desciam em terras Antárticas, seus hábitos e práticas sofrem mudanças nesta transição de lugares de trabalho, mas ainda têm sua significância, quando em terra as hierarquias ainda existem, mas as condições hostis e de compartilhamento total dos espaços fazem com que elas se apresentem de maneiras diferentes (SALERNO, 2015).

Uma questão que se torna difícil reconhecer, a partir dos vestígios escavados, diz respeito à quantos cachimbos cada um dos navegantes tinha. Se tivessem mais de um, pode ser que algum em especial o representasse de forma diferente, e este poderia não ser usado em terras antárticas. Com a contribuição dos diários e da literatura, vemos passagens que inferem que indivíduos possuíam múltiplos cachimbos, como se faz presente no trecho de *Moby Dick*, Melville (2011):

Conservava sempre em seu camarote uma fila de cachimbos em uma prateleira, todos cheios de fumo e facilmente acessíveis; e, assim que entrava, fumava-os todos um após o outro até acabarem. Depois enchia novamente para ficarem à sua disposição. (MELVILLE, 2011 [1851], p.152).

Essa multiplicidade pode conter, em si, uma diversidade de formas e decorações de cachimbos, além de representar a continuidade e importância que estes itens apresentavam mediante o contexto das navegações. Um fumante de cachimbos pode não levar toda sua

coleção para terra, mas deixar de fumar é algo que nem parece ser cogitado mediante o que pode se perceber pelos diários e livros.

Indo além das modificações e escolhas feitas pelos marinheiros em relação a seus cachimbos e passando a examinar a sensorialidade destas materialidades, em texto escrito por Kenyon (2008), o autor destaca:

Enquanto os designs dos forninhos de cachimbos com decorações moldadas serviam para apelar a diferentes gostos de compradores, tem sido sugerido que esse tipo de forninho possuía vantagens práticas sobre o estilo dos forninhos planos (sem decoração). Os frisos, ranhuras, rolos, nódulos e etc. permitiam ao fumante melhor aderência, especialmente quando fumando ao ar livre... (KENYON e KENYON, 2008, p. 44. Tradução livre).

Com essa contribuição pode-se pensar na utilidade das decorações para além da estética. Não que a estética não possua importância, mas que a mesma pode envolver outros atributos dos materiais que são consideráveis para seus usuários do ponto de vista tátil. Apenas três dos forninhos da coleção não apresentam decoração, são lisos, referentes aos sítios X1 e Sealer 1, são as peças L, M e Q. Desta forma, o argumento relativo à utilidade das decorações para além da estética, no contexto Antártico, pode ser relativizado. Todavia, ainda se mantém pertinente na medida em que a melhor aderência pode ser de importância para os usuários das peças.

A afirmação de Kenyon (2008) volta o olhar para o uso dos cachimbos e suas vantagens práticas, mas leva também à percepção do tato daqueles que manuseiam as peças. Os diferentes relevos formados pela decoração imprimem nas mãos de quem os sente suas formas. Os baleeiros e foqueiros que utilizavam as peças decoradas possuíam em suas mãos reconhecimento daquelas formas impressas que podem ser sentidas até hoje no manuseio dos artefatos encontrados.

Pensar no tato e sua relação com o fumar traz à lembrança o meu desconforto em usar luvas e a dificuldade de, com elas, conseguir sentir o cigarro, que tem sua superfície completamente lisa. Assim como estar na Antártica me levou a considerar de maneira diferente a estadia dos foqueiros e baleeiros naquele lugar, as sutilezas de percepção dos sentidos e seus empregos é ferramenta para fazer conexões acerca da materialidade, seus usos, e tempos (PELLINI, 2016).

A composição dos cachimbos, as modificações que cada um de seus donos achou necessário realizar, além das possibilidades que suas decorações apresentam, contextualizam esta materialidade em relação com seus símbolos e com os significados a eles atribuídos. Os

aspectos práticos das interações são permeados pelos sentidos que cada uma assume, sejam diretamente relacionados com uma expressão ou uso, sejam com a sensorialidade de cada um de seus usuários.

## 2.4 - O corpo

O mundo ao redor dos indivíduos é percebido através de seus sentidos e em comunhão com o corpo, que constitui as possibilidades de lidar e experienciar aquilo que os cerca. Nesses termos, os corpos não podem ser percebidos apenas como receptores de estímulos, mas também como compositores de suas interações (PELLINI, 2016; LE BRETON, 2016). Os corpos são parte desse todo, assim como podem ser complementados com objetos que são comuns à sua participação no mundo. Os corpos, os objetos, e o mundo não são separáveis (LE BRETON, 2016).

Quando partimos da perspectiva de que as diferentes pessoas e seus diferentes corpos são construídos na relação com o ambiente e constroem suas percepções por meio de seus sentidos, é possível trazer à tona o compartilhamento destas construções e percepções por parte dos marinheiros, tanto ainda no navio quanto em terras Antárticas (SALERNO, 2015). Em seu texto *Sealer were not born but made: Sensory-motor habits, subjectivities, and nineteenth-century voyages to the South Shetland Islands*, presente no livro *Coming to Senses*, Salerno (2015) aponta como as experiências no mar e em terra, durante as viagens marítimas para caça, compunham os corpos de seus navegantes, seus sentidos e subjetividades, além de como o compartilhamento de espaços pequenos, de trabalhos árduos e de novidades para os indivíduos os tornava marinheiros.

De uma mesma forma, se focarmos no uso dos cachimbos, pode-se perceber sua importância no universo daqueles que trabalham no mar. Como já apreendido na citação de Olmstead (1841), o uso do tabaco era praticamente universal em meio aos marinheiros, compunha o ser marinheiro e o seu corpo. O fumar se faz presente em grande profusão nos diários de navegantes e na literatura e este fato não necessariamente tem como motivação a importância de retratar esta prática, assim, revela sua naturalidade e recorrência dentre os personagens de cada trama ou história.

Os gestos relacionados aos cachimbos são assim componentes destes corpos fumantes, suas habilidades motoras e sensoriais ligadas ao fumar fazem parte do ser. Como os marinheiros aprendiam com a prática a descer botes e reconhecer comandos de maneira a se

tornarem hábitos corriqueiros e quase mecânicos (SALERNO, 2015), o mesmo acontece com um fumante e seu conjunto de habilidades e ações para manusear seu cachimbo.

Na literatura, assim como nos diários, em diversos momentos, o fumar é apresentado como natural, quase como se compusesse aqueles corpos através de cachimbos e fumaças de forma intrínseca. Em uma passagem de *Moby Dick* (MELVILLE, 2011) pode-se observar a associação do cachimbo como sendo parte do rosto do segundo imediato:

Entre outras coisas o que fazia de Stubb um homem tão à vontade e destemido a carregar tão alegremente a carga da vida neste mundo repleto de bufarinheiros, todos curvados para o chão sob o peso de seus fardos; o que o ajudava a manter aquele quase imperturbável bom humor certamente deveria ser seu cachimbo. Porque, como seu nariz, aquele cachimbinho curto e preto era um dos traços regulares de seu rosto. Tanto era assim que quase que se poderia esperar vê-lo sair do beliche antes sem o nariz do que sem o cachimbo. (MELVILLE, 2011 [1851], p.152).

Percebe-se como o fumar e os cachimbos vão além de seus gestos e maneiras quando ligados aos corpos destes navegantes. Fazem parte de seus donos, compondo tanto traços de sua personalidade quanto de seu corpo.

Ainda sobre o fumar, mas no caso de *O Lobo do Mar* (LONDON, 2013), representado por um charuto e não cachimbos, pode-se perceber como este hábito e seus trejeitos perpassam a percepção daqueles que o observam. Denotam tanto o bom humor, como destaca a citação de Melville (2011), quanto força, na narrativa de London (2013):

Foi essa a impressão de força que tive do homem que andava pelo convés. Apoiava-se com firmeza nas duas pernas; seus pés batiam no chão com vigor e convicção; todo movimento muscular, do balanço dos ombros ao ajuste dos lábios em trono do charuto, era decisivo e parecia brotar de uma força excessiva e esmagadora. (LONDON, 2013, p.21)

Os cachimbos e o fumar constroem, participam e são utilizados pelos corpos de maneira a compor tanto as percepções pessoais acerca de si ou de algo, quanto as percepções coletivas e observantes. Permeiam os sentidos das ações assim como os sentidos de seus usuários – tato, olfato, paladar.... Fazem parte da construção do ser marinheiro, não só como mais um elemento deste mundo e vida marítimo, mas também como meio de conexão e que se mostra intrinsecamente ligado à composição de percepções dos sujeitos.

O ser e estar na Antártica como caçador de baleias e outros mamíferos marinhos tem, em si, a incorporação destes objetos e seus usos. Em composição com seus corpos e hábitos, de maneira premeditada ou ocasional, os cachimbos se fazem presentes, assim como o fumar.

Ao mesmo tempo, estes corpos também marcam os cachimbos e deixam registrados seus traços pessoais. Em alguns exemplares da coleção que apresentam forninhos com suas bordas completas é possível apreender com qual das mãos, em geral, seus donos costumavam ascende-los, como nas peças A, R e Q. Isto graças às marcas pontuais de queima em sua borda, que podem estar no lado direito ou esquerdo do mesmo. Nestas peças, as marcas são predominantes do lado direito do forninho como pode ser observado no exemplo da Figura 22.

Figura 22 – Lado direito do forninho com marca de uso na borda (Peça Q).



Fonte: Registro do autor (22/05/2019)

Além deste aspecto, nas boquilhas longamente utilizadas podem ser percebidas marcas feitas pelos dentes de seus usuários – peças B, H e A –, indicativo de que o mesmo era utilizado sem o auxílio das mãos e frequente em cachimbos curtos associados aos trabalhadores (HISSA, 2018). Um exemplo é a boquilha da peça H, com detalhe exposto na Figura 23, pode-se observar nas proximidades de seu fim um desgaste que diferencia sua textura e cor do resto da haste, além disso uma leve depressão em relação à linha da haste. A interação entre os corpos das pessoas e de seus objetos produzem e afirmam ambos em relação a seus espaços e lugares.

Figura 23 – Detalhe da boquilha com desgaste de uso (Peça H)



Fonte: Registro do autor (14/06/2019)

O ser marinho é acompanhado do fumar e do uso de cachimbos assim como os cachimbos de trabalhadores do mar são encurtados e marcados por seus dentes. Tanto os objetos quanto os sujeitos se complementam e constroem reciprocamente. Cada um compoendo e participando dos diferentes corpos, momentos, lugares e interações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo faz parte do macroprojeto “Paisagens em Branco”, que é realizado pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas – LEACH que tem como objetivo central estudar as estratégias humanas de ocupação da Antártida através do tempo. No caso da linha arqueológica, tem se centrado em discutir as ocupações mais antigas, especialmente construindo uma história alternativa, já não centrada nos personagens considerados importantes pela história oficial, mas tendo como protagonistas os grupos subalternos como os foqueiros e baleiros. Neste estudo priorizou-se a pesquisa de diversos aspectos da vida cotidiana destas pessoas centradas na análise das práticas do fumar, entendendo as mesmas como de grande importância em relação a construção da identidade de grupos. De forma a contribuir para os conhecimentos sobre estes grupos humanos, este trabalho de conclusão de curso aborda aspectos diversos da vida dos mesmos através dos cachimbos de caulim em conjunto com fontes textuais de época. O entrosamento de fontes na Arqueologia Antártica é já amplamente realizado nas produções da equipe do Laboratório, como apresentado na Introdução, na medida em que podem ser de relevância para os estudos da Arqueologia Histórica e melhor apreensão acerca de um passado que deixa outros registros para além daqueles escavados.

Os cachimbos de caulim encontrados durante as escavações realizadas pelo Laboratório, contribuem de maneira significativa na melhor compreensão acerca dos sujeitos que passaram temporadas na Antártica para caçar. A materialidade em questão neste estudo, composta por 17 peças, quando considerada em conjunto com as fontes textuais, como os diários escritos por navegantes e literatura de época, pôde ser pensada para além das condições de seu descarte, trazendo à tona sua presença na composição das maneiras de ser marinheiro. Como apresentado, os cachimbos compõem os lugares, os corpos dos sujeitos e suas ações.

Neste estudo foi possível constituir datações para todos os materiais e sítios abordados e as mesmas apresentam intervalos de tempo pequenos, de modo que suas contribuições para o conhecimento de cada um dos abrigos tornam-se muito significativas. Além disso, compõe o conhecimento acerca do período de exploração do continente como um todo. As datas estabelecidas para as peças e seus sítios vão ao encontro de bibliografias que já discorrem sobre a exploração da Antártica e seu período de início, em torno de 1820, como demonstrado na seção 2.1.

O fumar, como constatado, ocorria em diversos lugares nos quais assumem sentidos de compartilhamento e/ou de introspecção para cada um dos trabalhadores. É uma prática que costura as diferentes partes da hierarquia a bordo e em terra. Seus objetos conotam sentidos de pertencimento de classe, ao mesmo tempo em que sua relevância principal repousa no fumar em si. Ao quebrarem e remodelarem as hastes de seus cachimbos os marinheiros denotavam seu pertencimento às classes trabalhadoras. Mas em complemento ao que a materialidade poderia expressar de suas diferenciações, gostos e hierarquias, no que diz respeito às decorações presentes na amostra, estas distinções não são relevantes. Os padrões apresentados de decoração denotam que mediante ao menos os cachimbos estes estavam em igualdade.

Na medida em que tornar-se marinheiro e incorporar as vivências no mar e na caça demandavam novos aprendizados e novas experiências para as diversas pessoas que embarcavam nas jornadas ao extremo sul, eram constituídas em cada uma delas um novo modo de ser. E fazendo parte desse todo que é ser marinheiro se encontram os cachimbos e o fumar, que perceptivelmente estiveram fortemente ligados a esses corpos e suas atribuições.

Com as passagens de diários e marcas encontradas nos cachimbos ficam evidentes como ambos, os corpos dos sujeitos e os cachimbos, deixavam marcas recíprocas. Os cachimbos fazendo parte intrínseca das práticas destes sujeitos e sendo assimilado enquanto traço da personalidade ou mesmo do corpo de seus donos, enquanto seus donos modificavam intencionalmente ou não estes itens, deixando desde sua haste no tamanho ideal quanto marcas de dente em sua boquilha. O envolvimento dos corpos destes marinheiros com suas diversas materialidades é uma vertente que ainda pode ser amplamente explorada e trabalhada como forma de assimilação de suas experiências passadas.

A pesquisa acerca dos cachimbos de caulim da Antártica é composta de múltiplas frentes e possibilidades que não se resumem a esse trabalho. Já foi produzido um artigo acerca das masculinidades performatizadas pelos marinheiros em relação ao fumar (SOARES; AMORIM; PENA, 2019). Mas, para além das vertentes exploradas neste artigo e neste trabalho de conclusão de curso, muitas outras questões ainda podem ser abordadas ou aprofundadas.

São amplas as informações que podem ser assimiladas sobre estes caçadores através dos diários de navegantes e sua contribuição para a compreensão do fumar pode ainda ser melhor explorada. Pode-se buscar entender melhor a aplicação e interação dos sentidos mobilizados pelas pessoas quando em terras antárticas e em contato com esta desafiadora experiência. Sendo este um possível caminho para o prosseguimento de meus trabalhos.

## BIBLIOGRAFIA

ATKINSON, D.; OSWALD, A. London clay tobacco pipes. **Journal of the British Archaeological Association**, v. 32, n. 1, p. 171-227. 1969.

ATKINSON, D.; OSWALD, A. The dating and typology of clay pipes bearing the royal arms. In: DAVEY, P. (Org.), **The Archaeology of the clay tobacco pipe III**. Britain: the North and West. [s/l], British Archaeological Reports, 1980: 363-389.

AYTO, E. G. **Clay tobacco pipes**. [s/l], Shire Publications. 2002.

BEAUDRY, M. C.; COOK, L. J.; MROZOWSKI, S. A. Artefatos e vozes ativas: cultura material como discurso social. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 1, n. 2, p.72-114, jul. 2007.

BINFORD, L. R. A new method of calculating dates from kaolin pipe stem samples. In: SCHUYLER, R. L. (Org.), **Historical Archaeology**: a guide to substantive and theoretical contributions. New York: Routledge, 1978: 66-67.

BRETON, David Le. **Antropologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

BROWNE, J. R. **Etchings of a Whaling Cruise**: With Notes of a Sojourn on the Island of Zanzibar. New York: Harper & brothers, 1846. 580pp  
Disponível em <https://archive.org/details/etchingsofwhalin01brow/page/n239>

BUSCH, B. C. **The War Against the seals: A History of the North American Seal Fishery**. Kingston e Montreal: McGill – Queen’s University Press, 1985.

CREIGHTON, M. S. **Rites and Passages**: The Experience of American Whaling, 1830-1870. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CRUZ, J. La alimentación sentida. Cocinando algunas reflexiones. In: PELLINI, J.; ZARANKIN, A.; SALERNO, M. (eds). **Sentidos indisciplinados**: arqueología, sensorialidad y narrativas alternativas. Madri: JAS Arqueologia S.L.U., 2018: 113-156.

FOX, G. L. **The study and analysis of the kaolin clay tobacco pipe collection from the seventeenth-century archaeological site of Port Royal, Jamaica**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Texas A&M University. 1998.

GALLOWAY, P. Material culture and text: exploring the spaces within and between. In: HALL, M. & SILLIMAN, S. (Org.). **Historical Archaeology**. [s/l], Blackwell Publishing, 2006: 42-64.

GOJAK, D.; STUART, I. **The potential for the archaeological study of clay tobacco pipes from Australian sites**. Australasian Historical Archaeology. v. 17, p. 38-49. 1999.

- GOODMAN, J. **Tobacco in history**: The cultures of dependence. London: Routledge, 2005.
- HANSON, L. Kaolin pipe stems: Boring in on a fallacy. **The Conference on Historic Site Archaeology Papers**. Columbia, v.4, p. 2-15. 1969.
- HARRINGTON, J. C. Dating stem fragments of seventeenth and eighteenth century clay tobacco pipes. In: SCHUYLER, R. (Org.), **Historical Archaeology**: A guide to substantive and theoretical contributions. New York: Bayood Publishing Copany Inc., 1978: 63-65.
- HARRINGTON, J. C. Dating stem fragments of seventeenth and eighteenth century clay tobacco pipes. **Quarterly Bulletin of the Archaeological Society of Virginia**, v. 9, n. 1, p. 9-13, 1954.
- HEIGHTON, R. F.; DEAGAN, K. A. A new formula for dating kaolin clay pipestems. **The Conference on Historic Site Archaeology Papers**. Columbia, v. 6, p. 220-229. 1971.
- HIGGINS, D. A. Clay tobacco pipes from 27 george street, hemel hempstead. **The archaeology of the clay tobacco pipe**: More pipes from the Midlands and Southern England. Inglaterra, v. 9, p. 337-362. 1985.
- HIGGINS, D. A. Clay tobacco pipes: a valuable commodity. **International Journal of Nautical Archaeology**, v. 24, n. 1, p. 47-52, fev. 1995.
- HIGGINS, D. A. Appendix 2: the clay tobacco pipes. In: KEEVILL G. **The Tower of London Moat**: archaeological excavations 1995–9. Oxford: Oxford Archaeology, 2004: 241–270
- HIGGINS, D. A. (ed.). **Journal of the Académie Internationale de la Pipe**. Liverpool, v. 2, 196pp. 2009.
- HIGGINS, D. A. Clay Tobacco Pipes and Other Pipe-Clay Objects. In TOWLE A. C.; SPEAKMAN, J. I. A Yeoman Farm in St Helens: Excavations at Big Lea Green Farm, Sutton, 2002, **Journal of the Merseyside Archaeological Society**, v.14, p.80-105. 2012.
- HISSA, S. B. V. **O Petyn No Cachimbo Branco**: Arqueologia e Fumo Nos Séculos XVII Ao XIX. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- HISSA, S. B. V.; LIMA, T. A. Cachimbos europeus de cerâmica branca, séculos XVI ao XIX: parâmetros básicos para análise arqueológica. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S/1], v. 25, n. 2, p. 225-268, ago. 2017
- HODDER, I.; HUTSON, S. **Reading the past**: current approaches to interpretation in archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOHMAN, E. P. **The American whaleman**: A study of life and labor in the whaling industry. New York: Augustus M Kelley Pubs, 1928.
- HUME, I. N. **Artifacts of Colonial America**. New York: Alfred A. Knopf. 1969.

KENYON, T. A.; KENYON I. T. **19th Century Notes**. A compendium of Notes from the KEWA 1980–1988. London, Ontario: London Chapter, OAS, 2008.

LIMA, T. A. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 28, n. 2, p. 7-23, dez. 2002.

LONDON, J. **O Lobo do Mar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

MADDISON, B. **Class and colonialism in Antarctic exploration, 1750–1920**. London: Routledge, 2015.

MCMILLAN, L. K. An Evaluation of Tobacco Pipe Stem Dating Formulas. **Northeast Historical Archaeology**, Nova York, v. 45, p. 18-42, 2016.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. São Paulo: Martin Claret, 2011 [1851] pp591

OLMSTED, F. **Incidents of a Whaling Voyage**. New York: D. Appleton and Co., 1841. Pp 360.

PEARCE, J. *Living in Victorian London: the clay pipe evidence*. 2007. Disponível em: <<http://www.geog.qmul.ac.uk/victorianlondon/pdf/ClayPipe.pdf>> (acesso em 25 de Junho de 2018)

PELLINI, J. R. **Arqueologia e os sentidos: entrando na toca do coelho**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

PENA, W. L. **Problemas de gênero em alto mar: a construção de masculinidade(s) em baleeiros da nova Inglaterra, século XIX**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PENA, W. L.; JÓIA, T. C.; ROSA, L. A. e SOARES, F. C. A (des) Construção da Embriaguez em Solos Antárticos. In: SOARES, F. C. (org.). **Comida, cultura e sociedade: Arqueologia da alimentação no Mundo Moderno**. Recife: Editora da UFPE, 2016: 139-168

SALERNO, M. Sealers were not born but made. Sensory-motor habits, subjectivities, and nineteenth-century voyages to the South Shetlands. In: PELLINI, J. R.; SALERNO, M.; ZARANKIN, A. (Ed.). **Coming to senses: Topics in sensory archaeology**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2015: 77-104

SENATORE, M. X. (2008). Historias bajo cero. Arqueología de las primeras ocupaciones humanas en Antártida. In: BORRERO L.; FRANCO N. (Eds) **Arqueología Del Extremo Sur De Sudamérica**. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2008: 117-130

SOARES, F. C.; AMORIM, C. L. A.; PENA, W. L. Um fio de fumaça nos mares do Sul: cachimbos de caulim e masculinidades nas Ilhas Shetland do Sul (séculos XVIII e XIX). **Revista de Arqueologia**, [s/l], v.32, n.1, p. 129-159, jun. 2019.

SOUTH, S. Evolution and Horizon as Revealed in Ceramic Analysis in Historical Archeology. **Research Manuscripts Series**. The South Carolina Institute of Archeology and Anthropology-University of South Carolina. 1971.no

STACKPOLE, E. **The Voyage of the Huron and the Huntress**: the American Sealers and the Discovery of the Continent of Antarctica. Hartford: the Marine Historical Association 1953.

WHITECAR, B. W. **Four years aboard the whaleship**: embracing cruises in the Pacific, Atlantic, Indian and Antarctic Oceans in the years 1855, '6, '7, '8, 9'. Philadelphia: J. B. Lippincott & Co., 1860.

Díspónível em <https://archive.org/details/fouryearsaboardw00whitrich/page/n9>

ZARANKIN, A. A persistência da memória” ... histórias não-lineares de arqueólogos e foqueiros na antártica. **Revista de Arqueologia**, [S/l], v. 27, n. 2, p. 35-46, dez. 2014

ZARANKIN, A.; SENATORE, M. X. **Historias de un pasado en Blanco: arqueologia histórica antártica**. [s/l]: Argvmentvm, 2007.

ZARANKIN, A.; SENATORE, M. X. Arqueología en Antártida, Estrategias, Tácticas y los paisajes del capitalismo. **Desde el país de los gigantes. Perspectivas Arqueológicas en Patagonia**, Rio Gallegos, v. 1, p. 269-281, 1999.

ZARANKIN, Andrés et al. **Paisagens em branco: arqueologia e antropologia antárticas-avanços e desafios**. Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v. 5, n. 2, p. 11-51, 2011.

## APÊNDICE 1

Quadro 1 - elementos que compõe a Ficha 1

ITENS	DESCRIÇÃO
Número de inventário	Usado para identificação dos vestígios no acervo e banco de dados do laboratório
Nome da peça	Cada peça recebe um nome para reconhecimento e diferenciação
Quantidade de fragmentos	Abrange o número de fragmentos que compõe cada uma das peças
Número da foto	Cada peça é fotografada e cada foto recebe um número de identificação que é associado à ficha
Origem	A peça é externa ao local de onde foi encontrada ou foi produzida ali
Integridade	Podendo ser total, parcial ou baixa, é definida pela presença ou ausência de atributos e dimensões morfológicas de cada peça
Uso atribuído	Para quê a peça era usada
Peça	Que tipo de artefato cada peça representa
Técnica utilizada	Qual foi a técnica empregada na produção de cada peça. Podendo ser artesanal, manufaturada ou industrial
Período de fabricação	Em que período a peça foi produzida
Local de fabricação	Onde a peça foi produzida
Marcas de reutilização	Quaisquer marcas que indiquem mudança na peça, para exercer a mesma função ou função diferente de sua inicial
Unidade de escavação	Em que unidade de escavação (quadrícula, quadrante) dentro do sítio a peça foi encontrada
Nível	Em que nível da escavação a peça foi encontrada
Estrutura	A peça se encontrava ou não associada a alguma estrutura in situ
Localização	Onde a peça está armazenada no laboratório
Observações	Informações adicionais não incluídas nos itens anteriores ou que complementam os mesmos.

Quadro 2 - elementos que compõe a Ficha 2

ITENS	DESCRIÇÃO
Nome da peça	Cada peça recebe um nome para reconhecimento e diferenciação
Sítio	Sítio no qual a peça foi escavada
Matéria prima	Podendo ser Caulim, Metal, Rocha, Stoneware, Porcelana ou Não Identificado representa a matéria prima usada para a confecção de cada peça
Cor	Qual a cor da peça. Opções: Alaranjado, rosado, creme ou outro.
Técnica de manufatura	Opções: Esculpido, Moldado, Modelado ou Não identificado.
Tipo	Qual o tipo do cachimbo: curto ou longo
Esmalte	O esmalte pode ser ausente ou presente na peça, quando for o caso da segunda opção é dividido em Verde, Amarelo, Transparente ou Outro.
Decoração	A decoração pode ser presente ou ausente. Caso seja presente é indicada a técnica utilizada, podendo ser Esculpido, Inciso, Moldado, Salpicado, Pintado Estampado, Roleteado ou Outro, e a localização da decoração no cachimbo.
Inscrição interna	Pode ser ausente ou presente. Quando presente representa um + ou um X.
Marca textual	Quando presente deve ser descrita, é adicionada sua localização no cachimbo, motivo do texto, Slogan ou marca específica e como ela foi feita.
Fornilho e Borda	
Marcas de produção	Inclui Marca do artesão, Local de produção, Data de produção, Marcas de queima e Qualidade da junção do molde
Marcas de uso	Quando presentes são classificadas em cinco tipos (1- fuligem, 2- queima, 3- raspagem, 4- quebra e 5- lascagem) e tem seu local identificado (fornilho, haste, borda ou pedúnculo)
Marcas pós-deposicionais	Marcas que são deixadas nas peças após seu descarte, podendo ser ausentes ou presentes.
Observações	Informações adicionais não incluídas nos itens anteriores ou que complementam os mesmos.

Quadro 3 - Elementos que compõem a Ficha 3

ITENS	DESCRIÇÃO
Comprimento da haste	Medida do comprimento da haste em cm, realizada na parte inferior da haste sem inclusão do pedúnculo.
Diâmetro externo da haste	Corresponde à parte mais larga da haste (cm)
Diâmetro do furo da haste	Medida do diâmetro interno da haste, feita de preferência em outros lugares que não sejam a boquilha (em 1/64 avos)
Comprimento do fornildo	Medição realizada na parte externa da base à borda do fornildo
Diâmetro máximo do fornildo	Medida externa da maior parte do diâmetro do fornildo
Diâmetro da borda do fornildo	Medida externa da borda do fornildo
Volume do fornildo	Realizada com areia, capacidade do fornildo
Ângulo entre fornildo e haste	Medida realizada do centro do fornildo até a parte superior da haste

## APÊNDICE 2

Nom e da peça	Sítio / Nº de identificação	Nº de fragmentos	Fotos (Registros do autor)
A	Pencas 3 2011-0569; 2011-0449	21	
B	Pencas 3 2011-470.1; 2011-470.2	2	
C	Pencas 3 2011-565	1	

D	Pencas 3 2011-569.1	1	 <p>A photograph of a light-colored bone artifact, possibly a phalanx, with a cylindrical shaft and a flared, irregular head. A ruler below the artifact shows a scale from 0 to 8 centimeters. The artifact is approximately 6.5 cm long.</p>
E	Pencas 3 2011-556	1	 <p>A photograph of a dark, weathered bone artifact with a cylindrical shaft and a flared, irregular head. A ruler below the artifact shows a scale from 0 to 8 centimeters. The artifact is approximately 5.5 cm long.</p>
F	Pencas 3 2011-566	1	 <p>A photograph of a bone artifact with a teardrop shape and a small hole at the bottom. A ruler below the artifact shows a scale from 0 to 8 centimeters. The artifact is approximately 4.5 cm long.</p>

<p>H</p>	<p>Sealer 4 2010-0106; 2010-0128</p>	<p>2</p>	
<p>I</p>	<p>PV 2011-0345</p>	<p>1</p>	
<p>J</p>	<p>PX1 2012-0754</p>	<p>1</p>	

K	PX2 2010-0706	1	
L	X1 2014-1101	2	
M	X1 2014-1066	1	

N	X1 2014-1038	1	
O	PE-2 2014-1297	1	
P	PE-2 2014-1317; 2014-1194	3	

Q	Sealer 1 2017-1407	1	
R	PE-2 2014.376	1	